

Outras Biografias

Introduções: Frei David de Azevedo, OFM

Legenda dos Três Companheiros (TC)

Tradução: Frei António Gonçalves, OFM

Legenda do Anónimo Perusino (AP)

Tradução: Frei Fernando César Moutinho, OFM

Legenda Perusina (LP)

Tradução: Frei Rafael Pereira dos Santos, OFM

Espelho de Perfeição (EP)

Tradução: Frei Fernando César Moutinho, OFM

LEGENDA DOS TRÊS COMPANHEIROS (TC)

INTRODUÇÃO

«Legenda dos Três Companheiros». *Bastaria este título para atrair a simpatia de todos os admiradores do Pobrezinho de Assis. Mas será mesmo dos Três Companheiros que assinam a carta que a antecede? Já nos referimos ao complexo problema da origem desta Legenda*¹. *Recordaremos aqui em que ponto está o consenso dos críticos sobre o texto, as fontes, a data e o autor.*

Texto

*Quanto ao texto, aparecem na tradição manuscrita duas versões bastante diferentes: uma dita de Sarnano, por ser desta cidade o códice mais representativo da mesma; e outra, dita tradicional, por ser a mais conhecida. Qual delas será mais original? O P. Giuseppe Abate fez a sua edição crítica utilizando o manuscrito de Sarnano, que é dos começos do século XIV*².

*Por seu lado, T. Desbonnets, depois de fazer um demorado estudo dos códices, de estabelecer a árvore genealógica das duas famílias e de as confrontar entre si, optou pela versão tradicional. Nela baseou a edição crítica que publicou em 1974*³.

Fontes

Que fontes terá usado o autor? Aqui está o nó do problema relativo à origem da Legenda. Excluimos os capítulos 17 e 18, considerados acrescentos tardios, e consideraremos só os primei-

¹ Ver supra, *Introdução geral*, p. 198

² G. ABATE, *Legenda S. Francisci tribus ipsius sociis hucusque adscripta Redactio antiquior iuxta codicem Sarnanensem*, in *Miscellanea Franciscana*, 39 (1939), p. 375-432.

³ *Leyenda de Los Tres Compañeros*, in *Escritos y Biografías*, o.c., p. 537; Fontes, o.c., p. 1355.

ros 16. Neles há paralelos com a *Vida Primeira de Celano*, com a *Vita Beati Francisci de Julião de Espira*, com o Anónimo Perusino e com a *Vida Segunda de Celano*. Para fixar a data da *Legenda*, o confronto mais decisivo é com a *Vida Segunda*. Desbonnets, Béguin, Iriarte e outros críticos são de parecer que é a *Vida Segunda* que depende da *Três Companheiros*. Com efeito parece que Celano se utiliza dela para preencher lacunas que haviam ficado na *Vida Primeira*, principalmente no que se refere à infância e conversão de Francisco. A interpretação teológica que acrescenta aos episódios corrobora a convicção de que é ele quem escreve em segundo lugar. Assim, por exemplo: a propósito do nome de João dado ao menino, das palavras pronunciadas pela mãe de Francisco, da passeata nocturna pelas ruas de Assis, do beijo do leproso, etc., Iriarte é peremptório: «Não se pode duvidar de que os primeiros 16 capítulos (números 1-87) são anteriores à *Vida Segunda de Celano*⁴».

Nem todos os críticos, porém, são da mesma opinião. A *Legenda dos Três Companheiros* parece revelar um pensamento doutrinal sobre Francisco já influenciado por S. Boaventura. A *Três Companheiros* teria de ser, portanto, posterior à *Legenda Maior*⁵. O paralelismo com a *Vida Segunda*, já que a dependência directa é dificilmente admissível em face dos argumentos avançados pela opinião contrária, poder-se-ia atribuir à utilização por ambos (Celano e autor da *Três Companheiros*) duma fonte comum anterior.

⁴ CAMPAGNOLA, in *Fonti*, p. 250. Postulam também uma composição tardia da *Legenda*. VAN ORTROU, ABATE, DI FONZO e outros. Ver supra p. 199.

⁵ Raul Manselli é de parecer que a *Legenda dos Três Companheiros* é «uma narrativa assisiense, ligada ao mundo da cidade e às recordações que de S. Francisco ainda estavam vivas» (o.c., p. 29). Uma das finalidades da obra seria corrigir a *Vida Primeira* de Celano. A família de S. Francisco, a classe dos comerciantes e a própria cidade não deveriam ter ficado nada satisfeitos com o quadro que delas pintara Celano: Cf. o.c., p. 25-30. Manselli pensa que a *Legenda* faria parte do material enviado a Crescêncio de Iesi (p. 29), sem que com isso queira dizer que tivesse vindo de Greccio ou estivesse ligado à *Carta*. O seu autor poderia ter sido um notário de Assis (p. 30).

Data

Quanto à data, se admitirmos que a Segunda de Celano depende da Três Companheiros, teremos assim fixado um ponto de referência preciso: a Três Companheiros não seria posterior a 1247. Outro ponto de referência é-nos dado pela morte de Gregório IX, que ocorreu em 1241, pois a Três Companheiros faz alusão a ela. «Gregório IX mostrou-se, até ao fim da sua vida, grande benfeitor e defensor dos irmãos, assim como de todos os religiosos, especialmente dos pobres de Jesus. Temos, pois, razão para crer que faz parte da assembleia dos santos»⁶. Alguns adiantam mesmo o ano de 1246, ligando a nossa Legenda ao material que teria vindo de Greccio juntamente com a já mencionada carta de apresentação. Mesmo os que exigem uma data mais tardia admitem, todavia, que o fundo utilizado pelo autor ascende à produção literária desencadeada com o mandato de Crescêncio de Iesi em 1244.

Autor

Quem terá sido o autor? As únicas hipóteses que surgem vêm do círculo dos que colocam a Legenda entre o material vindo de Greccio. Não são certamente os três companheiros que assinam a Carta. Não é também o mesmo da Legenda Perusina, devido à diferença de estilo. De excluir é igualmente Fr. Leão, pelo mesmo motivo. O seu estilo é bem conhecido. Desbonnets avança a hipótese de haver sido um dos três companheiros, talvez Fr. Ângelo, mas na verdade não há qualquer argumento nesse sentido a não ser a hipotética relação com a Carta, que sempre andou ligada à Legenda, e o testemunho tardio de Arnaldo de Sarrant⁷.

Suposta a origem indicada, pelo menos quanto ao fundo utilizado, e tendo em conta que este fundo nos é transmitido em forma bastante original, a Legenda dos Três Companheiros é um dos

⁶ TC 67. O papa Gregório IX foi eleito em 19 de Março de 1227 e faleceu em 22 de Agosto de 1241.

⁷ Cf. *Documents*, p. 787 e 791. Arnaldo de Sarrant relaciona Fr. Ângelo com S. Mateus, mas não será porque o evangelista Mateus é simbolizado por um anjo?...

testemunhos mais antigos sobre S. Francisco; e se realmente pertence a algum dos seus companheiros mais íntimos, o seu sabor torna-se ainda mais delicioso e o seu valor mais fidedigno. De acrescentar ainda que não parece influenciada pela polémica entre as duas tendências que iam abrindo sulco na Ordem: a «Comunidade» e os «Zelanti». Com naturalidade e objectividade, sem preconceitos polémicos nem esquemas teológicos deformantes, dá-nos uma quantidade considerável de informações de enorme interesse. Junto com a *Vida Primeira de Celano* deve ser considerada a informação mais segura sobre a juventude e a conversão de S. Francisco, e sobre os primeiros anos da Ordem.

Desta pequenina obra foram feitas várias edições latinas e também traduções em línguas vivas. Para a tradução que apresentamos nas páginas seguintes utilizámos a edição crítica de T. DESBONNETS. *Legenda Trium Sociorum*. Edition Critique, in *AFH* 67 (1974) p. 38-144⁸.

⁸Além das de ABATE e de DESBONNETS recordamos a primeira tentativa de edição crítica feita por M. FALOCI-PULIGNANI *Legenda Trium Sociorum ex Codice Fulginatensi*, in *Miscellanea Franciscana*, (1998) p. 81-107; M. CAUSSE, *Un inédit de Paul Sabatier: Texte critique de la Légende des Trois Compagnons*, in *Archivum Franciscanum Historicum*, 83 (1990), p. 568-586; ENRICO MENESTÓ, STEFANO BRUFATI, *Fontes Franciscani*, Ed. Porziuncula, 1995, Introdução à *Legenda dos Três Companheiros* p. 1355-1371.

LEGENDA DOS TRÊS COMPANHEIROS (TC)

Estas páginas foram escritas por três companheiros de São Francisco de Assis. Falam da sua vida e do modo como se comportava no mundo, da sua conversão perfeita e maravilhosa, e também da perfeição da Ordem na sua origem, quer no seu Fundador, quer nos primeiros Irmãos.

Carta Preliminar

Ao reverendo Padre em Jesus Cristo, Fr. Crescêncio, pela graça de Deus Ministro Geral.

1. ¹Fr. Rufino, Fr. Ângelo e Fr. Leão, que, apesar da sua indignidade, foram outrora companheiros do Bem-aventurado Francisco, saúdam respeitosa e devotamente no Senhor.

²Por decisão do último Capítulo Geral⁹ e vossa, foram os Irmãos exortados a comunicar a Vossa Paternidade as acções mais notáveis e os prodígios do Bem-aventurado Francisco que pudessem ter visto ou chegado a conhecer. ³Nós, que, apesar da nossa indignidade, vivemos bastante tempo em sua companhia, pensamos que vos devíamos contar, com verdade, alguns dos numerosos factos de que fomos testemunhas ou de que pudemos ter conhecimento através de irmãos piedosos e, ⁴especialmente, de Fr. Filipe, visitador das Senhoras Pobres, de Fr. Iluminado de Rieti, de Fr. Masseu de Marignano e de Fr. João, que foi companheiro do nosso venerável P.e Fr. Gil. ⁵Muitos dos factos que vamos narrar Fr. João ouviu-os contar a Fr. Gil e também a Fr. Bernardo, de santa memória, primeiro companheiro de S. Francisco.

⁶Não nos limitamos a contar só os milagres, que não fazem a santidade, embora sejam dela manifestação. Queremos também mostrar os traços característicos da sua vida e o seu ideal de santidade. ⁷Temos em vista o louvor e a glória de Deus Todo-Poderoso e de nosso Seráfico Pai e a edificação daqueles que querem seguir as suas pegadas.

⁹ Trata-se do capítulo celebrado em Génova em 1244.

⁸ A nossa narração não pretende ser uma legenda, porque já foram escritas várias sobre a vida do Santo e sobre os milagres que Deus operou por ele. ⁹ Como em ameno prado, vamos colher as flores que nos parecerem mais belas. ¹⁰ Não seguimos a ordem cronológica e omitimos de propósito coisas já contadas, com verdade e elegância, nas ditas legendas.

¹² O nosso modesto relato poderá ser inserido nessas legendas já escritas, se a vossa discrição o julgar conveniente. ¹³ Estamos, com efeito, convencidos de que, se os veneráveis biógrafos tivessem conhecido estas nossas informações, não as teriam desprezado; antes, pelo menos em parte, tê-las-iam ornado com o seu belo estilo e assim as confiariam à memória da posteridade.

¹⁴ Que Vossa Paternidade seja sempre feliz em Nosso Senhor Jesus Cristo, no qual nós, vossos filhos dedicados, nos recomendamos à vossa bondade, com humildade e devoção.

Convento de Greccio, 11 de Agosto de 1246.

CAPÍTULO I

Do seu nascimento e da sua frivolidade, cortesia e prodigalidade; e como chegou depois à generosidade e à caridade para com os pobres.

2. ¹ Francisco nasceu na cidade de Assis, no vale de Espoleto. Sua mãe deu-lhe o nome de João; mas o pai, ausente quando ele nasceu, ao voltar da França, deu-lhe o nome de Francisco.

² Quando chegou à juventude, dotado de espírito vivo, exerceu o ofício de seu pai, o comércio, mas de modo muito diferente do dele: era mais generoso e mais alegre, entregava-se aos divertimentos e ao canto, e vagueava, dia e noite, pela cidade, com amigos da sua idade. ³ Era tão liberal nos gastos, que dissipava em festins e outros folguedos tudo o que tinha ou ganhava.

⁴ Seus pais repreendiam-no por esbanjar o dinheiro consigo e com os outros. Quem o visse, julgá-lo-ia filho dum príncipe e não de comerciantes. ⁵ Mas, como eram ricos e o amavam ternamente, iam suportando tudo, não o querendo desgostar por tais fantasias.

⁶ Quando sua mãe ouvia falar as vizinhas de tal prodigalidade,

retorquia-lhes: «Que pensais de meu filho? Haveis de ver que será um verdadeiro filho de Deus, pela sua graça».

⁷Ele, sempre mais pródigo, também não tinha moderação na maneira de vestir: mandava fazer roupas mais ricas que as que convinham à sua condição social, ⁸mas era tão extravagante na vaidade, que chegava a mandar coser, na mesma roupa, pano do mais caro ao lado doutro do mais ordinário.

3. ¹Entretanto, era delicado de maneiras e de linguagem, tendo resolvido não dizer a ninguém qualquer palavra injuriosa ou grosseira. Mais ainda: jovem, alegre e dissipado como era, decidira, todavia, nada responder àqueles que lhe dirigissem palavras torpes.

²Por isso, a sua fama se espalhou por quase toda a província e muitos, que o conheciam, diziam que havia de ter grande futuro.

³As virtudes naturais foram os degraus de que a graça divina se serviu para o elevar a ideais mais nobres, de tal modo que disse um dia, para si mesmo: «Se és tão liberal e delicado para com os homens, de quem só receberás favores passageiros e vãos, é justo que, por amor de Deus, que é tão generoso nas suas recompensas, sejas cortês e liberal com os pobres». ⁴A partir desse momento, gostava de ver os pobres e dava-lhes esmolas em abundância, e embora não fosse mais que comerciante, tinha grande vaidade em distribuir as riquezas deste mundo.

⁵Ora, um dia em que ele estava na loja a vender panos, e verdadeiramente absorvido nessa ocupação, chegou um pobre e pediu-lhe esmola por amor de Deus. ⁶Preocupado inteiramente com a avidez do lucro e o cuidado do negócio, recusou-lhe a esmola. Logo, tocado repentinamente pela graça divina, reprovou a sua grosseria¹⁰: ⁷«Se fosse em nome dum homem poderoso, conde ou barão, que este pobre te pedisse qualquer coisa, certamente terias acolhido bem o seu pedido; ⁸com mais razão o devias fazer pelo Rei dos reis, o Senhor de todos».

¹⁰ Entenda-se sobretudo em relação a Deus, em nome do qual o pobre lhe pediria esmola.

⁹ Imediatamente tomou a resolução de, para o futuro, não recusar o que quer que fosse que lhe pedissem em nome de tão grande Senhor.

CAPÍTULO II

Do cativo em Perúsia. De duas visões que teve quando queria ser cavaleiro.

4. ¹ Tendo tomado parte na guerra entre Perúsia e Assis¹¹, Francisco caiu prisioneiro, com muitos dos seus concidadãos, e foi conduzido a Perúsia. ² Como era de maneiras nobres, meteram-no na prisão dos cavaleiros. Enquanto os outros cativos se lamentavam, ele, naturalmente jovial e folgazão, não deixava transparecer nenhuma tristeza; mostrava até semblante alegre. ³ Certo dia, um dos companheiros censurou-o: «É preciso ser bem tolo para se alegrar quando se está preso». ⁴ Francisco replicou-lhe com vivacidade: «Que ideia tendes de mim? Sabei que um dia hei-de ser venerado em todo o mundo».

⁵ Um dos cavaleiros retidos na mesma prisão insultou um dia um dos seus companheiros de cativo. Por isso, todos os outros se afastavam dele. Somente Francisco nunca deixou de se aproximar dele e exortava os outros a fazerem o mesmo.

⁶ Ao fim de um ano, concluída a paz entre as duas cidades, Francisco voltou a Assis com os outros cativos.

5. ¹ Poucos anos depois, um fidalgo de Assis, desejoso de acrescentar sua fortuna ou glória, resolveu pegar em armas para fazer guerra na Apúlia. ² Sabendo disso, Francisco logo desejou acompanhá-lo; e para se tornar cavaleiro às ordens do conde Gentil¹², mandou fazer as roupas mais ricas possível, pois se era mais

¹¹ Com várias tréguas pelo meio, a guerra entre Perúsia e Assis durou de 1202 a 1209.

¹² Só a *Legenda dos Três Companheiros* fala do Conde Gentil. Todavia os documentos históricos não mencionam nenhum conde com o nome de Gentil que possa identificar-se com o nobre em questão. Por outro lado, é certo que aqui se trata de Gualter de Briena. O *Anónimo Perusino*, de quem a nossa legenda prova-

pobre que o seu compatriota, em compensação era mais generoso na liberalidade.

³Quando tinha posto os seus cuidados na execução do seu projecto, quando ardia no desejo de pôr-se a caminho, uma noite o Senhor visitou-o. Numa visão, fazendo entrever a este apaixonado da glória o auge da fama, seduziu-o e exaltou ainda mais o seu entusiasmo. ⁴Nessa noite, durante o sono, apareceu-lhe um homem; chamando-o pelo seu nome, conduziu-o a um palácio, grande e encantador, cheio de armas de guerra; havia, suspensos das paredes, escudos refulgentes e todos os outros objectos próprios do equipamento militar. ⁵Cheio de alegria, interrogava-se com espanto o que significaria aquilo. Depois perguntou: «A quem pertencem estas armas que brilham com tanto esplendor, e este palácio tão encantador?» ⁶Ouviu esta resposta: «Todas estas armas, com o palácio, são para ti e para os teus cavaleiros».

⁷De manhã, levantou-se radiante. Interpretando as coisas como mundano, que não tinha ainda saboreado o espírito de Deus, acreditou que o sonho lhe pressagiava honras principescas. Julgando, portanto, esta visão como o anúncio de grande fortuna, decidiu partir imediatamente para a Apúlia, para ser armado cavaleiro pelo conde Gentil.

⁸Mostrava uma alegria tão grande para além do habitual, que muitos ficavam surpreendidos e perguntavam-lhe donde lhe vinha tamanha alegria. «Sei – respondeu – que me tornarei um grande príncipe».

6. ¹Precisamente na véspera daquela visão, ele dera um testemunho da sua generosidade e da sua nobreza de alma, o que terá sido a causa principal da mesma visão. ²Com efeito, nesse dia, dera a um cavaleiro pobre todas as suas roupas, novas, elegantes e ricas.

³À pressa, tomou o caminho da Apúlia. Ao chegar a Espoleto, caiu doente, mas continuava a pensar em seguir viagem.

velmente depende, diz simplesmente «*comitem gentilem*». É possível, pois, que «gentil» não seja um nome próprio, mas um simples adjetivo.

⁴Um dia, quando dormitava, ouviu uma voz a perguntar-lhe onde queria ir. Revelou com prazer toda a sua ambição. ⁵Então a voz acrescentou: «Quem te pode dar mais, o senhor ou o servo?» ⁶Respondeu: «O Senhor». A voz replicou: «Ora bem; porque deixas o Senhor pelo servo, o príncipe pelo vassalo?» ⁷Então Francisco perguntou: «Que quereis que eu faça, Senhor?» ⁸«Volta para a tua terra – disse a voz – e lá saberás o que deves fazer, porque a visão que sonhaste, deves interpretá-la de modo completamente diferente».

⁹Acordado, começou a reflectir longamente sobre esta nova visão. ¹⁰Enquanto que a primeira, por assim dizer, o pusera fora de si de alegria, pois satisfazia os seus desejos de prosperidade temporal, esta recolheu-o todo para dentro de si.

¹¹Maravilhado, procurava-lhe o sentido e meditava-a com tanta atenção, que não conseguiu conciliar o sono no resto da noite.

¹²De manhã, tomou o caminho de Assis, apressado, feliz e alegre em extremo. Esperou com confiança que Deus, depois de o honrar com esta visão, lhe desse a conhecer a sua vontade e o aconselhasse para a sua salvação. O seu coração mudara.

¹³Renunciou a ir à Apúlia. Não desejava mais que conformar-se com a vontade divina.

CAPÍTULO III

Como Deus o visitou e encheu o seu coração duma doçura maravilhosa, graças à qual Francisco começou a progredir no desprezo de si mesmo e de todas as vaidades, na oração, na esmola e no amor da pobreza

7. ¹Em Assis, poucos dias depois, uma tarde os seus companheiros escolheram-no para chefe, com poder de ordenar à sua vontade todas as despesas¹³.

¹³ Os detalhes aqui recolhidos têm correspondência nos costumes de Assis. Arnaldo Fortini encontrou nos arquivos municipais de Assis documentos que demonstram a existência na cidade, até ao século XV-XVI de uma ‘quadrilha’ de

²Mandou então preparar um banquete sumptuoso, como já fizera muitas vezes. ³Acabado o festim e deixada a casa, indo os companheiros à frente, percorreram a cidade a cantar. Ele, de bastão na mão, como convinha ao rei da festa, seguia um pouco atrás, não cantando, mas meditando profundamente.

⁴De repente recebe a visita do Senhor. Encheu-lhe o coração doçura tão maravilhosa que não podia nem falar nem mover-se; nada sentia ou ouvia, a não ser esta doçura que o alheava das sensações da carne. Ele próprio declarou mais tarde que, mesmo que o quisessem fazer em pedaços, ele seria incapaz de esboçar qualquer movimento para fugir. ⁵Quando os seus companheiros se aperceberam que ele ficara muito para trás, voltaram ao seu encontro e, atônitos, verificaram que ele parecia já outro homem.

⁶Interrogaram-no: «Em que estás a pensar, que não vens conosco? Sonhas talvez em casar?» ⁷Com vivacidade, respondeu-lhes: «Dissestes bem! Pensava em escolher noiva, mas a mais nobre, mais rica e mais bela que vós jamais vistes». ⁸Riram-se dele. Ora ele não falara assim por si mesmo, mas sob a inspiração de Deus. Porque justamente a noiva que ele escolheu foi a verdadeira vida religiosa, que a pobreza torna mais nobre, mais rica e mais bela que todas as outras.

8. ¹A partir deste momento, Francisco começou a julgar-se miserável e a desprezar as coisas que antes amava; conversão imperfeita, entretanto, porque não estava ainda completamente separado das vaidades do mundo.

²Para se subtrair, pouco a pouco, ao tumulto do século, esforçava-se por guardar Jesus Cristo no íntimo da sua alma e por esconder aos olhos dos extraviados a pérola do Evangelho que ele desejava adquirir, vendendo todos os seus bens.

³Quase todos os dias, ia orar secretamente. A isso se sentia de algum modo constrangido pela doçura que gozava e que, pene-

jovens que se reunia para comer, beber e cantar. O chefe (*podestà*) do grupo era eleito, com direito ao uso do bastão como sinal de poder. Por isso se chamava a 'quadrilha do bastão'. Chegou a haver estatutos municipais para esse grupo. Cf. ARNALDO FORTINI, *Nuova Vita di San Francesco*, II (Assis 1959) 115-129.

trando frequentemente a sua alma, o arrancava da rua e doutros lugares públicos, para a oração.

⁴ Desde longa data, era o benfeitor dos pobres, mas, nesta altura, gravou mais profundamente no seu coração a resolução de nunca dizer não ao pobre, que lhe pedisse esmola em nome do Senhor, e distribuir esmolos mais abundantes que habitualmente.

⁵ Assim, cada vez que algum pobre lhe pedia esmola fora de casa, provia-o de dinheiro quando era possível; ⁶ quando não o tinha, dava o gorro ou o cinto, para não deixar o mendigo de mãos vazias. ⁷ Se não tinha mesmo nada, ia a um lugar escondido, despojava-se da camisa e mandava o pobre buscá-la em segredo, por amor de Deus.

⁸ Comprava também objectos que servissem para o adorno das igrejas e fazia-os chegar secretamente aos sacerdotes pobres.

9. ¹ Quando ficava em casa, na ausência do pai, mesmo que comesse só com a mãe, enchia a mesa de pão, como se preparasse a refeição para uma família inteira. ² A mãe perguntava-lhe porque punha tanto pão na mesa e ele respondia que era para dar de esmola aos pobres, pois resolvera dar abundantemente a todos os que lhe pedissem por amor de Deus. ³ Como o amava mais que os outros filhos, a mãe deixava-o agir à vontade nestas coisas; interessava-se por tudo o que ele fazia e, no seu coração, cada vez mais o admirava.

⁴ Antes, Francisco comprazia-se em estar com os seus companheiros, quando eles o chamavam, e a sua companhia tinha para ele tanto atractivo, que várias vezes o viram levantar-se da mesa, quase sem comer, deixando os seus pais aflitos pela sua partida tão despropositada. ⁵ Agora todo o seu coração se dava a buscar e ouvir os pobres para lhes dar largas esmolos.

10. ¹ Transformado pela graça divina, mas usando ainda trajes mundanos, desejava agora viver numa povoação onde, não sendo reconhecido, deixasse as suas roupas e as trocasse pelas dum pobre; assim vestido, tentaria fazer-se mendigo por amor de Deus.

² Sucedeu, nessa altura, que foi a Roma em peregrinação. ³ Ao entrar na Basílica de São Pedro, notou que as ofertas de certos fiéis eram medíocres, e disse para si mesmo: «O Príncipe dos Apóstolos

deve ser honrado com magnificência. Porque será que este povo faz ofertas tão ridículas à igreja em que repousa o seu corpo?»

⁴Em seguida, num ímpeto de fervor, meteu a mão na bolsa, retirou-a cheia de moedas e atirou-as pela grade que rodeia o altar. Foi tanto o ruído que fizeram ao cair, que todos os presentes se maravilharam de tão magnífica generosidade.

⁵Depois saiu. Trocou às escondidas a sua roupa com os andrajos dum dos muitos pobres que pediam esmola às portas da igreja. ⁶Em seguida, nos degraus da Basílica, com os outros mendigos, pedia esmola em francês – porque gostava de falar esta língua, embora não a soubesse bem. No fim, tirou os andrajos e revestiu as suas roupas, para voltar a Assis.

⁷Começou a pedir ao Senhor que lhe indicasse o seu caminho. ⁸Não contara a ninguém o seu segredo e, sobre ele, não consultara senão a Deus, que começara a dirigir os seus passos, e, raramente, o bispo de Assis. De facto, naquela época, não havia entre os homens a verdadeira pobreza, que ele desejava mais que todos os bens do mundo e em que queria viver e morrer.

CAPÍTULO IV

Como no encontro com o leproso, ele começou a vencer-se a si mesmo e a saborear a doçura das coisas que antes lhe eram amargas

11. ¹Um dia, em que ele orava ao Senhor com todo o fervor, falou-lhe uma voz: «Francisco, tudo o que tu amaste e desejaste possuir segundo a carne, tens agora que o detestar e desprezar, se queres conhecer a minha vontade. ²Quando o alcançares, o que outrora te parecia encantador e delicioso, ser-te-á insuportável e amargo; e no que antes te causava horror, colherás extrema doçura e suavidade ilimitada».

³Confortado por estas palavras e pela graça de Deus, Francisco passeava um dia a cavalo, não longe de Assis, quando se encontrou com um leproso.

⁴Ordinariamente a vista da lepra causava-lhe calafrios. ⁵Nesta ocasião ele fez violência a si mesmo: desceu do cavalo, ofereceu uma esmola ao leproso e beijou-lhe a mão; recebido do leproso o

beijo da paz, montou de novo e seguiu o seu caminho. ⁶ Assim começou a vencer-se a si mesmo, tendo chegado, pela misericórdia de Deus, à vitória perfeita.

⁷ Poucos dias depois, tomando consigo bastante dinheiro, foi ao hospital dos leprosos. Reunidos todos, deu esmola a cada um, beijando-lhe a mão; saindo dali, reconheceu a verdade da promessa divina: ⁸ o que outrora lhe era amargo, ou seja, a vista e o contacto dos leprosos, converteu-se em doçura.

⁹ De facto, a vista dos leprosos era-lhe antes tão irritante, que não só não os queria ver como não consentia em se aproximar do lugar em que habitavam. ¹⁰ E se alguma vez sucedia passar perto dos seus casebres ou vê-los, embora a piedade o levasse a dar-lhes esmola por outra pessoa, desviava sempre a vista e chegava mesmo a tapar o nariz.

¹¹ Mas a graça de Deus tornou-o familiar e amigo dos leprosos, a ponto de, segundo o testemunha o seu Testamento, ficar de bom gosto em sua companhia e de os servir com humildade.

12. ¹ Transformado pelas suas visitas aos leprosos, levou a um lugar solitário um dos seus bons companheiros que muito amara. Confiou-lhe que descobrira um tesouro precioso e de grande valor. ² Esse homem recebeu esta confiança com alegria muito viva e, desde então, empenhava-se em ir ter com Francisco cada vez que o chamava.

³ O homem de Deus conduzia-o muitas vezes a uma gruta próximo de Assis. Mas ele entrava sozinho, deixando fora o companheiro, impaciente por conhecer o tesouro anunciado. Sempre que ali ia, Francisco recebia do Espírito Santo nova e singular efusão de graças; orava ao Pai em segredo, desejando que ninguém soubesse o que fazia nesta gruta, excepto apenas Deus, que consultava sem descanso sobre os meios de adquirir o tesouro celeste.

⁴ Mas o inimigo do género humano observava-o. Esforçou-se por afastar Francisco do seu piedoso empreendimento, lançando no seu coração o receio e o horror.

⁵ Havia em Assis uma mulher horivelmente corcunda. O demónio apareceu ao homem de Deus; apresentou à sua memória a imagem desta mulher e ameaçou-o de lhe infligir a mesma deformidade se não renunciasse ao seu propósito.

⁶Do fundo da sua gruta, o intrépido cavaleiro de Cristo, desprezando as ameaças do diabo, orava devotamente ao Senhor que o guiasse pelo caminho recto. ⁷Suportava horribéis sofrimentos e grande angústia de alma, não podendo repousar antes de ver realizados os desejos do seu coração. Os pensamentos mais diversos o assaltavam sucessivamente e a sua importunidade perturbava-o cruelmente. ⁸Interiormente, era abrasado pelo fogo divino; e não podia esconder, exteriormente, o ardor e fervor da sua alma. Arrependia-se de outrora ter pecado tão gravemente; as faltas do passado e as tentações do presente não lhe causavam alegria nem atractivo, e entretanto não tinha a segurança de ser fiel para o futuro. ⁹Quando saía da gruta, para se juntar ao seu companheiro, parecia um homem diferente do que tinha entrado.

CAPÍTULO V

Das primeiras palavras que lhe dirigiu Cristo crucificado e como, desde então, até à morte, ele trouxe no seu coração a Paixão de Cristo

13. ¹Um dia, em que ele implorava com mais fervor a misericórdia divina, o Senhor revelou-lhe que seria em breve instruído sobre o que devia fazer. ²A partir desse instante ficou cheio de tal alegria que não a podia conter e, mesmo sem querer, deixava chegar aos ouvidos alheios um pouco dos seus segredos. ³Todavia, falava com reserva e mistério. Declarava que nunca mais queria ir à Apúlia; seria na sua pátria que faria coisas belas e grandes.

⁴Os seus companheiros notaram a mudança que nele se operava; estava agora bem longe deles pelas disposições de alma, embora ainda os acompanhasse uma vez ou outra. ⁵Para o importunar, perguntaram-lhe mais uma vez: «Vais casar, Francisco?» E ele respondeu-lhes de novo em termos misteriosos, como da primeira vez.

⁶Poucos dias depois, ao passar perto da igreja de São Damião, uma voz interior impeliu-o a entrar e orar. ⁷Tendo entrado, começou a rezar com fervor diante da imagem de Cristo Crucificado, a qual lhe falou com doçura e benevolência: «Francisco, não vês que

a minha casa cai em ruínas? Vai e repara-ma». ⁸ A tremer e cheio de assombro, respondeu: «Vou fazê-lo prontamente, Senhor».

⁹ Compreendeu tratar-se da igreja de São Damião, com muitos sinais de velhice, que faziam prever ruína próxima. ¹⁰ As palavras divinas encheram-no de alegria e a sua alma iluminou-se de viva luz: ficou plenamente convencido que foi Jesus Crucificado que lhe dirigiu aquele apelo.

¹¹ À saída da igreja, encontrou um padre sentado junto da porta. Metendo a mão na bolsa, ofereceu-lhe dinheiro e disse-lhe: ¹² «Peço-lhe, senhor, que compre azeite para fazer arder, sem interrupção, uma lâmpada diante deste Crucifixo; quando tiver gasto esta soma, dar-lhe-ei o que for preciso».

14. ¹ A partir deste dia, o seu coração ficou tão ferido e tão profundamente comovido com a lembrança da Paixão do Senhor que, durante toda a vida, guardou na alma a memória das Chagas do Senhor Jesus. Isto ficou bem patente mais tarde, quando os Estigmas do Salvador se reproduziram no corpo de Francisco por um milagre provado com evidente clareza.

² Desde então mortificava duramente o seu corpo; doente ou com saúde, sempre austero em excesso, jamais teve a menor delicadeza com o seu corpo. ³ Eis porque, quase a morrer, confessou que tinha pecado muito contra o seu corpo.

⁴ Andando uma vez sozinho próximo da igreja de Santa Maria da Porciúncula, chorando e lamentando-se em voz alta, ⁵ foi ouvido por um homem piedoso que, pensando que Francisco sofresse de doença ou desgosto, cheio de piedade lhe perguntou a causa das suas lágrimas. ⁶ Respondeu: «Choro a Paixão do meu Senhor Jesus Cristo, por cujo amor não devo envergonhar-me de percorrer o mundo, chorando assim em alta voz». ⁷ Então o outro juntou as suas lamentações às do bem-aventurado.

⁸ Muitas vezes, quando Francisco se erguia depois da oração, viam-se-lhe os olhos cheios de sangue, tantas lágrimas amargas ele derramava. ⁹ Mas a sua aflição não se limitava ao choro: abstinha-se mesmo de beber e comer, em memória da Paixão do Senhor Jesus.

15. ¹Quando lhe sucedia sentar-se à mesa com gente do mundo e lhe serviam iguarias agradáveis ao seu paladar, ele apenas lhes tocava, alegando uma desculpa para não julgarem que as deixava por mortificação.

²Quando comia com os irmãos, muitas vezes espalhava cinza nos alimentos, dizendo aos companheiros, para ocultar a sua penitência: «A nossa irmã cinza é casta».

³Um dia, quando estava à mesa, um irmão disse-lhe que a Virgem Maria fora tão pobre que nem sempre tinha, à hora da refeição, comida para o seu Filho. ⁴Ao ouvir isto, o homem de Deus deu um suspiro de profunda dor; deixou a mesa e pôs-se a comer o pão, sentado na terra nua.

⁵Também muitas vezes, quando estava à mesa, mal havia começado a comer, detinha-se, sem comer nem beber, suspenso pela meditação das coisas do céu. ⁶Não queria, nessas ocasiões, que o perturbassem com quaisquer palavras, e dava grandes suspiros do fundo do coração. Dizia aos irmãos que deviam sempre louvar a Deus, quando o ouvissem suspirar assim, e orar fielmente por ele.

⁷O que acabamos de dizer casualmente do seu pranto e abstinência pretende mostrar que, depois das palavras ouvidas diante do Crucifixo, ele quis, até à morte, conformar sempre a sua vida com a Paixão de Cristo.

CAPÍTULO VI

Como Francisco primeiro fugiu à perseguição de seu pai e parentes, refugiando-se em casa do capelão da igreja de São Damião, pela janela da qual tinha atirado o dinheiro

16. ¹A visão e as palavras do Crucifixo haviam-no enchido de alegria. Um dia, levantou-se fazendo o sinal da cruz e, levando consigo panos de diversas cores, dirigiu-se a cavalo para Folinho. Ali vendeu o cavalo e tudo o que levava, e depois voltou à igreja de São Damião.

²Encontrando o pobre capelão, cujas mãos beijou com muita fê e piedade, ofereceu-lhe todo o dinheiro que tinha e contou-lhe detalhadamente todos os seus projectos.

³O padre, estupefacto e surpreendido por esta conversão súbita, não queria nela acreditar. Pensando que era troça, recusou aceitar o dinheiro. ⁴Francisco insistiu, procurando fazer-lhe reconhecer a verdade das suas palavras, e suplicou-lhe insistentemente que o deixasse viver com ele. ⁵O sacerdote acabou por se decidir a acolhê-lo, mas, temendo os parentes de Francisco, não aceitou o dinheiro. ⁶Então o bem-aventurado, que tinha já verdadeiro desprezo pelas riquezas, lançou pelo vão da janela o dinheiro, que a seus olhos não era senão vil poeira.

⁷Enquanto ele permanecia naquele local, o pai procurava-o sem descanso; ia perguntando a todos onde se encontraria o seu filho. ⁸Quando lhe constou que Francisco estava completamente mudado e se encontrava naquele lugar, apoderou-se dele uma viva dor no mais profundo da alma; perturbado diante deste acontecimento imprevisto, convocou os amigos e vizinhos e, com eles, correu apressadamente a buscar o filho.

⁹Mas Francisco era agora um novo cavaleiro de Cristo. Assim, sabedor das ameaças dos que o procuravam e advertido da sua aproximação, quis furtar-se à cólera paterna. Refugiou-se numa caverna secreta, que preparara para isso, e escondeu-se ali durante um mês.

¹⁰A caverna só era conhecida dum membro da sua família, que lhe levava de vez em quando alimento, que Francisco comia às escondidas. Com o rosto banhado em lágrimas, orava constantemente ao Senhor para que o livrasse desta perseguição, que atravassava os seus desígnios, e lhe concedesse, como dom da sua benevolência, a graça de realizar as suas piedosas resoluções.

17. ¹Com jejum e lágrimas, orava ao Senhor com fervor e perseverança; não contando com a própria virtude e capacidade, punha toda a sua esperança no Senhor que, no meio das suas trevas, o inundara de alegria inefável e o iluminara com luz maravilhosa.

²Depois, abrasado de amor divino, deixou a caverna e dirigiu-se para Assis, em passo rápido e ágil. ³Confiado em Jesus Cristo, o coração aquecido pelo fogo divino, censurando-se pela sua falta de coragem e seus vãos receios, foi expor-se francamente à ira dos seus perseguidores. ⁴Quando o viram, os que o haviam conhecido

cobriram-no de injúrias, gritando: «Olha o tolo! O maluco!» E atiravam-lhe lodo e pedras.

⁵Vendo-o tão diferente do que era outrora e tão enfraquecido pelas suas mortificações, atribuíam tudo o que fazia ao esgotamento ou à demência. ⁶Mas o cavaleiro de Cristo passava como surdo através de todos os clamores; nenhuma injúria o podia abater ou demover: ele continuava a dar graças a Deus.

⁷Falava-se dele nas praças e ruas da cidade. O rumor acabou por chegar aos ouvidos do pai. Quando este soube do tratamento que o filho recebia dos seus compatriotas, levantou-se imediatamente para o ir buscar, resolvido, não a libertá-lo, mas antes a aniquilá-lo completamente.

⁸Não conseguindo controlar-se, correu para ele, como lobo sobre um cordeiro. Lançou-lhe um olhar feroz, o rosto contraído pela cólera. ⁹Com violência deitou-lhe as mãos e arrastou-o para casa. Ali durante muitos dias o conservou fechado num compartimento sem luz. E tentava, por palavras ou à pancada, reconduzi-lo às vaidades do mundo.

18. ¹Francisco não se deixou comover pelo que o pai lhe dizia; as cadeias e os golpes não conseguiram diminuir a sua coragem; com paciência, tudo suportou; mostrou-se mesmo mais fogoso e mais energicamente decidido a prosseguir no seu ideal.

²Negócios urgentes obrigaram o pai a ausentar-se. Ficando só com Francisco, sua mãe, que não aprovava a conduta do marido, dirigiu ao filho palavras carinhosas. ³Não conseguindo demovê-lo dos seus piedosos intentos, o seu coração materno teve piedade dele: abriu-lhe as cadeias e permitiu-lhe sair em liberdade.

⁴Francisco, dando graças ao Todo-Poderoso, voltou ao lugar onde estivera antes. Mais livre doravante, provado pelos ataques do demónio e instruído pela experiência das tentações, reencontrada a serenidade, depois dos ultrajes sofridos, mostrava-se mais desperto e mais generoso no seu caminhar para a perfeição.

⁵Entretanto o pai, voltando a casa e não encontrando o filho – acumulando pecados sobre pecados – cobriu a esposa de injúrias.

19. ¹Depois aconteceu ao palácio comunal para se queixar do filho perante os cônsules, exigindo que devolvesse o dinheiro que

levara de casa. ²Vendo a sua inquietação, a autoridade resolveu citar Francisco a comparecer e mandou-o chamar por um pregoeiro. ³Francisco respondeu ao enviado que a graça de Deus o tornara homem livre e que já não dependia dos cônsules, pois estava ao serviço exclusivo do Deus Altíssimo. ⁴Não lhe querendo fazer violência, os cônsules disseram ao pai: «Desde que ele entrou ao serviço de Deus, está fora da nossa jurisdição». ⁵Vendo que nada conseguia da autoridade civil, o pai de Francisco foi apresentar a sua queixa ao Bispo da cidade.

⁶O prelado, pessoa discreta e prudente, convidou Francisco, pela forma usual, a comparecer para se explicar sobre a demanda de seu pai. ⁷Respondeu ao mensageiro: «Vou ao senhor Bispo que é pai e senhor das almas».

⁸Foi ter com o Bispo, que o recebeu com grande alegria. ⁹Disse-lhe o prelado: «O teu pai está verdadeiramente irritado contra ti e inteiramente escandalizado. ¹⁰Por isso, se queres servir a Deus, dá-lhe todo o dinheiro que tens, pois pode ter sido adquirido injustamente e Deus não quer que o gastes no serviço da Igreja; e isto por causa dos pecados de teu pai, cuja cólera se apaziguará quando receber o dinheiro. ¹¹Tem confiança em Deus, meu filho, e porta-te como um homem. Não temas, pois Deus será o teu amparo e te dará em abundância o que for necessário à obra da sua Igreja».

20. ¹O homem de Deus levantou-se alegre, reconfortado pelas palavras do Bispo, e entregou-lhe o dinheiro: «Monsenhôr, disse, quero entregar de boamente o dinheiro que pertence a meu pai e mesmo a roupa que trago». ²Entrou em seguida na câmara do Bispo, despojou-se de toda a roupa e pôs-lhe em cima o dinheiro, na presença do Bispo, de seu pai e algumas testemunhas mais. ³Assim nu, saiu e disse: «Escutai-me todos e entendei bem. Até agora chamei a Pedro Bernardone meu pai. Mas, porque decidi servir a Deus, devolvo-lhe o dinheiro que atormentava a sua alma e toda a roupa que dele recebi. De agora em diante, quero dizer: «Pai Nosso, que estais no céu» e não «meu pai, Pedro Bernardone».

⁴Todos puderam verificar que o homem de Deus trazia um círculo sobre a carne, debaixo das suas vestes coloridas.

⁵Acabrunhado pela dor, inflamado de ira, o pai levantou-se, apanhou o dinheiro e toda a roupa, e levou tudo para casa. As testemunhas desta cena ficaram indignadas contra ele, por nada deixar ao filho para se vestir. ⁶Tocados de sincera piedade por Francisco, puseram-se a chorar.

⁷O Bispo observara atentamente o homem de Deus, maravilhado do seu fervor e da sua constância; abrindo os braços para o receber, cobriu-o com o seu manto. ⁸Ele tinha a intuição nítida de que Francisco agira por inspiração divina e reconhecia que tudo o que sucedera estava cheio de mistério. ⁹A partir deste momento, tornou-se seu protector: exortava-o, animava-o com a sua afeição, orientava-o e envolvia-o de terna caridade.

CAPÍTULO VII

Dos grandes trabalhos e aflições que suportou para restaurar a igreja de São Damião, e como empreendeu a vitória sobre si mesmo, indo pedir esmola

21. ¹O servo de Deus, Francisco, despojado de todas as coisas do mundo, consagrou-se daí em diante às obras da justiça divina. Desprezando a própria vida, dedicou-se ao serviço divino de todos os modos possíveis.

²De volta à igreja de São Damião, cheio de alegria e fervor, arranjou uma espécie de hábito de eremita, e confortou o capelão da igreja com as mesmas palavras de estímulo que lhe dirigira o Bispo.

³Um dia partiu, entrou na cidade e percorreu praças e ruas cantando os louvores do Senhor. Parecia inebriado de Espírito divino. ⁴Quando terminou de celebrar a glória de Deus, começou a pedir pedras para reparar a igreja: ⁵«Quem me der uma pedra – gritava – receberá uma recompensa; ⁶quem me der duas, terá dupla recompensa; ⁷quem me der três, terá tripla recompensa».

⁸No seu entusiasmo, proferia ainda muitas outras palavras singelas, porque era homem simples e cândido, este eleito de Deus. Longe de recorrer à linguagem douta da sabedoria humana, comportava-se com simplicidade em todas as coisas.

⁹Muitos zombavam dele, tomando-o por louco. Outros, levados pela piedade, ficavam mudos até às lágrimas, vendo que, depois de ter experimentado as seduções e vaidades do mundo, chegara tão depressa a inebriar-se do amor divino. ¹⁰Ele, sem fazer caso das zombarias, dava graças a Deus de alma fervorosa.

¹¹Tudo o que suportou nesta empresa seria muito longo e difícil de contar. Ele, que gozara o bem-estar na casa paterna, carregava agora pedras às costas, mortificando-se de mil maneiras no serviço de Deus.

22. ¹O padre, testemunha do seu trabalho, vendo que, no seu fervor, se consagrava excessivamente à sua piedosa tarefa, cuidava, apesar da sua pobreza, em lhe preparar alguma coisa especial para o seu sustento, pois sabia que, no mundo, Francisco conhecera o conforto da vida. ²De facto, naquele tempo – confessou o homem de Deus mais tarde – tinha com frequência alimentação escolhida e delicada e não tocava nos alimentos que não eram do seu gosto.

³Um dia, porém, aconteceu que reparou nas atenções do padre para consigo. E disse para si: «Encontrarás por toda a parte aonde fores este sacerdote que te mostra tanta bondade? ⁵Não está aqui, certamente, a vida de pobreza que pretendeste escolher. Porém, assim como um verdadeiro pobre, indo de porta em porta, toma uma escudela e, coagido pela necessidade, deita-lhe dentro todos os alimentos que consegue recolher, do mesmo modo deves tu viver voluntariamente, por amor daquele que nasceu pobre, viveu pobremente no mundo, morreu despojado e pobre num patíbulo e foi sepultado em túmulo emprestado».

⁶Um dia pegou numa escudela e partiu. Entrou na cidade a pedir esmola de porta em porta, misturando na sua escudela toda a sorte de alimentos. ⁷Muitas pessoas, lembrando-se que ele outrora vivera no bem-estar, admiravam-se de o ver tão maravilhosamente mudado e de ter atingido tal desprezo de si mesmo. ⁸Entretanto, quando quis provar esta mistura, à primeira vez sentiu náuseas; jamais tocara em comida tão miserável; outrora nem consentiria em vê-la. ⁹Por fim, vencendo a sua repugnância, pôs-se a comer: pareceu-lhe então que nunca saboreara manjar tão delicioso.

¹⁰O seu coração vibrou de alegria no Senhor, pelo facto de a sua carne, fraca e exausta, ter tido a força de suportar alegremente, por amor de Deus, as coisas mais duras e mais amargas. ¹¹Deu graças a Deus por haver mudado para ele o amargor em doçura e o ter confortado de tantos modos. E pediu ao capelão que não mais lhe preparasse ou mandasse preparar o alimento.

23. ¹Seu pai, vendo-o em situação tão miserável, andava cheio de dor. ²Tinha-o amado muito, mas sentia tanta vergonha e desgosto ao vê-lo abatido pelo excesso de mortificação e pelo frio que, cada vez que o encontrava, lançava-lhe a sua maldição.

³O homem de Deus, sentindo pesar sobre ele as maldições paternas, escolheu para pai um homem muito pobre e miserável e disse-lhe: «Vem comigo e dar-te-ei parte das esmolas que receber. ⁴Quando vires o meu pai a amaldiçoar-me, eu dir-te-ei: Pai, abençoa-me; então farás sobre mim o sinal da cruz e abençoar-me-ás em vez dele».

⁵Quando o pobre o abençoava assim, o homem de Deus dizia a seu pai: «Não acreditas que Deus me possa dar um pai que oponha as suas bênçãos às tuas maldições?»

⁶Muitos dos que zombavam dele, vendo a paciência com que suportava todas as troças ficavam surpreendidos e admirados.

⁷Numa manhã de inverno, quando estava em oração, vestido muito pobremente, o seu irmão carnal, passando perto dele, dirigiu a um dos seus companheiros este comentário irónico: «Diz a Francisco que te venda ao menos um vintém do seu suor». ⁸O homem de Deus, ao ouvir estas palavras, cheio de alegria sobrenatural, num ímpeto da sua alma, respondeu em francês: «É ao Senhor que venderei todo o meu suor, e bem caro!»

24. ¹Quando trabalhava sem descanso na restauração da igreja de São Damião, como queria que as lâmpadas estivessem ali perpetuamente acesas, ia pela cidade a pedir azeite.

²Um dia, quando se aproximava duma casa, percebeu que havia gente reunida a jogar. Sentindo vergonha de pedir na sua presença, retirou-se. ³Mas, entrando em si mesmo, acusou-se de ter pecado. Correu em seguida ao lugar onde estavam os jogadores e confessou diante de todos que não ousara pedir esmola por res-

peito humano. ⁴Em seguida, entrou na casa e, em francês, pediu que lhe dessem, por amor de Deus, o azeite necessário para as lâmpadas de São Damião.

⁵Muitos operários trabalharam com ele na reparação da igreja. Interpelava, com voz forte, na alegria da sua alma, os vizinhos e transeuntes, dizendo-lhes em francês: «Vinde, ajudai-me a trabalhar na igreja de São Damião; ela virá a ser um convento de senhoras, cuja fama e vida glorificarão, na Igreja universal, o Pai dos céus».

⁶Eis como, cheio de espírito profético, ele anunciou coisas que haviam de realizar-se no futuro. ⁷Foi de facto, neste lugar sagrado que a Ordem famosa e tão admirável das religiosas, chamadas «Damas pobres», foi felizmente fundada pelo bem-aventurado Francisco, cerca de seis anos depois da sua conversão. ⁸A sua vida maravilhosa e as suas gloriosas instituições foram aprovadas pela autoridade da Sé Apostólica, pelo Papa Gregório IX, de santa memória, antes Bispo de Óstia¹⁴.

CAPÍTULO VIII

Como entendeu e cumpriu os conselhos que Cristo lhe deu no Evangelho e como imediatamente mudou de traje para vestir novo hábito, de perfeição interior e exterior

25. ¹Quando o bem-aventurado Francisco acabou o restauro da igreja de São Damião, usava ainda o hábito de eremita. Andava com um bastão, os pés calçados e cingido com uma correia.

²Um dia ouviu, durante a celebração da missa, o que Cristo recomendou aos seus discípulos quando os enviou a pregar: não levar na viagem nem ouro, nem prata, nem bolsa, nem pão, nem bastão; não usar calçado, não possuir duas túnicas. ³Compreendeu mais claramente estas palavras, quando em seguida pediu ao padre

¹⁴ O P. VAN ORTHY viu nesta frase um anacronismo, porque a confirmação definitiva só foi dada em 1253 por Inocêncio IV: PAULO SABATIER, porém, refuta esta alegação (*De l'authenticité de la Légende dite des trois Compagnons*, p. 21); e nota que, em 13 de Novembro de 1245, na encíclica dirigida às clarissas, Inocêncio IV usa exactamente a mesma frase que os *Três Companheiros*.

que lhas explicasse. Então, cheio de indizível alegria, exclamou: «Eis o que quero realizar, com todas as minhas forças».

⁴Confiando à memória todos os conselhos ouvidos, alegremente se esforçou por pô-los em prática. ⁵Sem hesitar, desembarcou-se da túnica dupla; e, a partir deste momento, não mais usou o bastão, nem calçado, nem saco, nem bolsa. Manda fazer uma túnica muito pobre e grosseira; deita fora a correia e, para cinto, toma uma corda.

⁶Põe toda a solicitude do seu coração em escutar as inspirações desta nova graça e pergunta-se como poderá transpô-las para a sua vida. Levado por impulso divino, fez-se o arauto da perfeição evangélica e começou a pregar a penitência ao povo em linguagem familiar.

⁷As suas palavras não eram nem frívolas nem ridículas. Cheias da virtude do Espírito Santo, penetravam no mais íntimo dos corações e lançavam o auditório em profundo arrebatamento.

26. ¹Como testemunhou mais tarde¹⁵, uma revelação divina ensinara-lhe a seguinte saudação: «O Senhor te dê a paz». ²Por isso, em todas as suas pregações, começava por saudar assim o povo, anunciando a paz.

³Facto admirável, que não pode admitir-se sem milagre: antes da sua conversão, houve em Assis um precursor a anunciar a paz, o qual percorria muitas vezes as ruas da cidade, repetindo estas palavras: «Paz e bem! Paz e bem!» ⁴Depois da conversão de Francisco, divulgou-se esta comparação: Como João Baptista anunciou Cristo e desapareceu quando Jesus começou a pregar, também estoutro João precedeu o bem-aventurado Francisco no seu apostolado de paz e não apareceu mais depois da conversão do santo.

⁵O homem de Deus, Francisco, animado de espírito profético, vindo depois do seu precursor, anunciava a paz e pregava a salvação segundo a linguagem dos profetas. As suas exortações salutarres uniram numa paz verdadeira muitos homens, separados de Cristo e afastados da salvação.

¹⁵ T 23.

27. ¹Pouco a pouco o bem-aventurado Francisco dava-se a conhecer, na verdade e simplicidade da sua doutrina e da sua vida, de modo que, dois anos após a sua conversão, alguns homens, empolgados pelo seu exemplo, decidiram fazer penitência e, renunciando a todas as coisas do mundo, quiseram juntar-se a ele pelo hábito e pela vida.

²O primeiro foi Frei Bernardo, de santa memória. Observara a fidelidade e o fervor do bem-aventurado Francisco no serviço de Deus. Sabia com que canseiras restaurara as igrejas em ruínas. Admirara a austeridade da sua vida, pensando no luxo que Francisco conhecera no mundo. Por isso, resolveu no seu coração distribuir pelos pobres todos os bens que possuía e aderir firmemente a ele na vida e no hábito.

³Em segredo encontrou-se um dia com o homem de Deus, revelou-lhe a sua resolução e combinaram a data em que Francisco devia ir a casa dele. O bem-aventurado Francisco deu graças a Deus, pois ainda não tinha companheiro, e experimentou intensa alegria, sobretudo porque o senhor Bernardo era homem muito conceituado.

28. ¹Na tarde combinada, o bem-aventurado Francisco foi à sua morada, com o coração cheio de alegria, e ficaram juntos toda a noite. ²Entre outras coisas, disse-lhe o senhor Bernardo: «Se alguém guardasse bens do seu senhor, muitos ou poucos, e se, depois de os possuir durante longos anos, não os quisesse conservar mais tempo, qual seria a coisa melhor que poderia fazer?» ³O bem-aventurado Francisco respondeu-lhe que devia devolver ao seu senhor o que recebera. ⁴Retorquiou-lhe o senhor Bernardo: «Está bem, irmão; eu quero distribuir aos pobres todos os bens materiais, por amor do Senhor que mos deu, como melhor te parecer». ⁵O Santo replicou-lhe: «Amanhã, logo de manhã, iremos à igreja e o livro dos Evangelhos nos revelará o que Cristo ensinou aos discípulos».

⁶De madrugada, levantaram-se e, tomando com eles outro homem, de nome Pedro, que também queria tornar-se irmão, foram à igreja de S. Nicolau, próximo da praça de Assis. ⁷Entraram para orar. Como eram simples e não sabiam encontrar as passagens do Evangelho sobre a renúncia ao mundo, rogaram devota-

mente ao Senhor que se dignasse manifestar-lhes a sua vontade na primeira página em que abrissem o livro santo.

29. ¹Acabada a oração, o bem-aventurado Francisco tomou o livro fechado e depois, ajoelhado diante do altar, abriu-o ao acaso. ²A primeira passagem que caiu sob os seus olhos continha o conselho do Senhor: *«Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que possuis, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu»*. ³A esta revelação o bem-aventurado Francisco sentiu alegria profunda e deu graças a Deus. ⁴Mas, verdadeiro devoto da Santíssima Trindade, quis o apoio de tríplice testemunho. Reabriu o livro segunda e terceira vez. ⁵A segunda encontrou este texto: *«Não leveis nada pelo caminho...»*. ⁶A terceira vez, estas palavras: *«Quem quiser vir após mim, renuncie a si mesmo»*.

⁷Depois de cada abertura do livro, o bem-aventurado Francisco agradeceu a Deus por aprovar a sua resolução e o desejo que concebera há bastante tempo. Esta aprovação foi-lhe dada e manifestada três vezes, de modo maravilhoso.

⁸No fim, disse aos companheiros Bernardo e Pedro: «Eis, irmãos, a vida e regra que teremos, nós e todos os que quiserem juntar-se a nós. Ide e fazei o que ouvistes».

⁹Então o senhor Bernardo, que era muito rico, vendeu tudo o que possuía, recebendo muito dinheiro, e distribuiu-o todo pelos pobres da cidade. ¹⁰Também Pedro cumpriu, como lhe foi possível, o conselho divino.

¹¹Despojados de todos os seus bens, um e outro pediram o hábito que o mesmo santo adoptara, depois de deixar o traje de eremita. A partir dessa hora, passaram a viver com ele, segundo a regra do Santo Evangelho que o Senhor lhes revelara.

¹²Assim o bem-aventurado Francisco pôde dizer no seu Testamento: «O próprio Senhor me revelou como devia viver segundo a forma do Santo Evangelho».

CAPÍTULO IX

Da vocação do irmão Silvestre e da visão que teve antes de entrar na Ordem

30. ¹ Enquanto o senhor Bernardo, como se disse, fazia a distribuição dos seus bens aos pobres, o bem-aventurado Francisco estava presente. Meditava na obra maravilhosa do Senhor e glorificava e louvava a Deus no seu coração.

² Aproximou-se deles um sacerdote, chamado Silvestre, ao qual o bem-aventurado Francisco tinha comprado umas pedras para reparar a igreja de São Damião. Quando viu todo o dinheiro que Bernardo distribuía, segundo o conselho do homem de Deus, a cobiça inflamou-lhe o coração. Exclamou: «Francisco, não me pagaste bem as pedras que me compraste». ³ Ouvindo esta recriminação injusta, o santo, inimigo da cobiça, aproximou-se imediatamente do senhor Bernardo, meteu a mão na túnica dele, onde estava o dinheiro e, agarrando um punhado de moedas, entregou-as ao padre descontente. ⁴ Encheu segunda vez a mão de dinheiro e perguntou: «Está agora bem pago, senhor padre?» ⁵ Ele respondeu: «Sim, irmão, perfeitamente». E, alegre, voltou para casa com o dinheiro que acabava de receber.

31. ¹ Alguns dias mais tarde, porém, este sacerdote, por inspiração divina, pôs-se a reflectir sobre o gesto do bem-aventurado Francisco. E dizia consigo: «Não sou eu um miserável, ao ambicionar assim e pretender os bens deste mundo com esta idade, enquanto que este jovem os despreza e os aborrece por amor de Deus?»

² Na noite seguinte, viu em sonhos uma cruz imensa, cujo cimo tocava o céu e cuja base se apoiava nos lábios de Francisco; os seus braços estendiam-se dum lado ao outro do mundo. ³ Ao levantar-se, reconhecia, e estava disso bem persuadido, que Francisco era verdadeiramente amigo e servo de Deus e que a Ordem Religiosa, que fundara, se desenvolveria rapidamente pelo mundo inteiro. ⁴ Então apoderou-se dele o temor do Senhor e começou a fazer penitência em sua casa. ⁵ Pouco tempo depois decidiu-se a

entrar na nova Ordem; levou nela vida edificante e a sua morte foi gloriosa.

32. ¹Entretanto, o homem de Deus, Francisco, vivia com os dois irmãos. Como não tinham alojamento que os pudesse abrigar, dirigiram-se a uma pequenina igreja abandonada, conhecida por Santa Maria da Porciúncula; ali fizeram uma pequena cabana para viverem em comum.

²Alguns dias depois, um homem de Assis, de nome Gil, foi procurá-los. Com muito respeito e piedade, ajoelhou-se e pediu ao homem de Deus que o admitisse na sua companhia. ³Francisco, admirado da sua fé e devoção, e vendo que este homem podia obter de Deus grandes graças – o que os factos depois provaram à evidência – acolheu-o prontamente. ⁴Assim juntos, os quatro irmãos saborearam a intensa alegria e felicidade que dá o Espírito Santo; depois, para realizarem novos progressos nos caminhos da perfeição, resolveram separar-se.

33. ¹O bem-aventurado Francisco, com o irmão Gil, tomou o caminho da Marca de Ancona. Os outros seguiram noutra direcção. ²A caminho da Marca, alegravam-se muito no Senhor. O homem de Deus, em voz alta e clara, cantava em francês os louvores do Senhor: celebrava e glorificava a bondade do Altíssimo. ³Era tão grande a sua alegria como se tivessem encontrado um tesouro considerável no campo da Dama Pobreza, por cujo amor haviam, generosa e voluntariamente, abandonado todos os bens terrenos que, a seus olhos, não eram senão lodo.

⁴O bem-aventurado Francisco disse ao irmão Gil: «A nossa família religiosa será semelhante ao pescador que lança a rede, apanha grande quantidade de peixes e, deixando na água os pequenos, põe na sua canastra apenas os grandes». ⁵Foi nestes termos que ele profetizou a expansão da Ordem.

⁶O homem de Deus ainda não dirigia ao povo verdadeiras pregações; entretanto, quando atravessava cidades e povoados, exortava toda a gente a amar e temer a Deus e a fazer penitência dos pecados. ⁷O irmão Gil instava com os ouvintes que cressem nas suas palavras, porque Francisco lhes dava conselhos muito bons.

34. ¹Os que os ouviam interrogavam-se mutuamente: «Quem são estes homens e que nos querem dizer?» ²Nesse tempo, com efeito, o amor e o temor de Deus estavam, por assim dizer, extintos por toda a parte e eram ignorados os caminhos da penitência. Ainda mais, isso era considerado loucura. ³Os prazeres da carne, a ambição da riqueza e o orgulho da vida reinavam a tal ponto que o mundo inteiro parecia que se tornara presa dessas três calamidades.

⁴Dividiam-se, entretanto, as opiniões sobre estes homens evangélicos. ⁵Uns diziam que eram loucos ou bêbados; outros afirmavam que as suas palavras não podiam provir da loucura. ⁶Um dos ouvintes declarou: «Ou foi para alcançar o cume da perfeição que eles se uniram ao Senhor, ou então são completamente insensatos, porque vivem uma vida desgraçada: tomam pouquíssimo alimento, andam descalços e vestem miseravelmente».

⁷Muitos sentiam temor respeitoso por eles, vendo a perfeição da sua vida. Mas ninguém pensava ainda em segui-los. Mulheres e donzelas, vendo-os ao longe, fugiam a tremer, julgando-os possuídos da loucura ou demência.

⁸Depois de terem percorrido aquela província, voltaram a Santa Maria da Porciúncula.

35. ¹Passados alguns dias foram ter com eles três outros homens de Assis: Sabatino, Morico e João da Capela, que pediram ao bem-aventurado Francisco que os admitisse no número dos irmãos. ²Acolheu-os com simplicidade e bondade.

³Quando iam pela cidade pedir esmola, apenas um ou outro lhe concedia. Ordinariamente cobriam-nos de injúrias, dizendo-lhes que tinham deixado os próprios bens para comerem os dos outros. Assim eles sofriam grande penúria.

⁴De seu lado, os pais e parentes também os atormentavam. Gente da cidade escarnecia deles como de loucos e insensatos, pois ninguém renunciava aos seus bens para mendigar de porta em porta.

⁵O bispo de Assis, porém, a quem o homem de Deus ia muitas vezes pedir conselho, recebia-o com benevolência e disse-lhe uma vez: «A vossa vida parece-me muito austera; é duro não possuir nada neste mundo». ⁶O santo respondeu-lhe: «Senhor bispo, se

tivéssemos bens, precisávamos de armas para os defender. ⁷É da riqueza que provêm as discussões e os pleitos; é ela que cria tantos obstáculos ao amor de Deus e do próximo. ⁸Por isso, não queremos possuir neste mundo nenhum bem temporal».

⁹O bispo ficou muito impressionado com esta resposta. O homem de Deus desprezava todas as riquezas passageiras, e em particular o dinheiro, a tal ponto que, ¹⁰em todas as suas regras, ele recomendava acima de tudo a pobreza, e aconselhava a todos os irmãos o cuidado de evitar o dinheiro.

¹¹Escreveu várias regras e experimentou-as antes de compor a última, que deixou aos irmãos. ¹²Assim, numa delas, diz ele, para tornar detestável o dinheiro: «Tomemos cuidado, nós que abandonámos tudo, de não perder por tão pouca coisa o reino dos céus. ¹³Se por acaso encontrarmos dinheiro nalgum lugar, não façamos mais caso dele do que do pó que calcamos aos pés».

CAPÍTULO X

Como Francisco predisse aos seus seis companheiros tudo o que lhes sucederia nas suas andanças pelo mundo e como os exortou à paciência

36. ¹O bem-aventurado Francisco, já cheio da graça do Espírito Santo, chamou para junto de si os seus irmãos e predisse-lhes o que havia de suceder.

²«Irmãos muito amados – disse – pensemos na nossa vocação. Deus misericordioso escolheu-nos, não só para cuidarmos da nossa salvação, mas também para salvarmos muitas almas; vamos pelo mundo e, com o nosso exemplo mais que com as palavras, exortemos os homens a fazerem penitência de seus pecados e a lembrarem-se dos mandamentos divinos. ³Não vos perturbeis, pensando na vossa fraqueza e ignorância, mas, sem temor e com simplicidade, pregai a penitência. Confiai em Deus que venceu o mundo. O seu Espírito falará em vós e por vós, para exortar os pecadores a converterem-se e a observarem os divinos preceitos.

⁴Encontrareis homens fiéis, afáveis, bondosos, que vos receberão com alegria, a vós e às vossas palavras; mas muitos outros serão rebeldes, orgulhosos, blasfemos; esses resistirão e oporão as

suas injúrias a tudo o que disserdes. ⁵Gravai bem em vossos corações a resolução de suportar tudo com paciência e humildade».

⁶A estas palavras os irmãos assustaram-se. ⁷Mas o santo acrescentou: «Não temais; em breve vereis virem ter connosco muitos sábios e nobres, e connosco irão pregar aos reis, aos príncipes e ao povo. ⁸Os pecadores converter-se-ão em grande número e o Senhor multiplicará e aumentará a sua família por todo o mundo».

37. ¹Assim tranquilizados, abençoou-os. Os homens de Deus partiram, decididos a seguir piedosamente os seus conselhos. ²Quando passavam por uma igreja ou uma cruz, inclinavam-se para adorar e diziam devotamente: «Adoramos-te, ó Cristo, e te louvamos em todas as igrejas que há no mundo, porque o remiste pela tua santa cruz». ³Eles criam, na verdade, que se encontravam na presença de Deus onde quer que vissem uma cruz ou uma igreja.

⁴Todos quantos os viam, ficavam muito surpreendidos, porque o seu hábito e a sua vida os tornavam muito diferentes de todos os outros mortais e pareciam selvagens.

⁵Onde quer que entrassem, cidade ou castelo, aldeia ou casa modesta, pregavam a paz, confortavam toda a gente, aconselhando a temer e a amar o Criador do céu e da terra e a observar os seus mandamentos.

⁶Alguns escutavam-nos com simpatia. Outros, ao contrário, zombavam deles. Muitos importunavam-nos com perguntas: «Donde vindes?» Outros perguntavam a que Ordem religiosa pertenciam. ⁷Ainda que fosse cansativo responder a todos os importunos, declaravam com simplicidade que eram apenas penitentes, originários de Assis. De facto, o grupo não tinha ainda o título oficial de Ordem religiosa.

38. ¹Muitos julgavam-nos hipócritas ou insensatos. Não os queriam receber em suas casas, com receio de que fossem ladrões. ²Em muitas localidades não recebiam senão injúrias e não conseguiam outro refúgio senão os átrios das igrejas ou o pórtico de alguma casa.

³Dois deles, passando em Florença, começaram a mendigar pela cidade, sem conseguirem encontrar alojamento. ⁴Chegaram a uma casa, precedida de um alpendre, sob o qual havia um forno. Disseram um ao outro: «Teremos aqui pelo menos um bom abrigo». ⁵Pediram pousada à senhora da casa, que a recusou. Humildemente, suplicaram-lhe então que os autorizasse ao menos a repousarem junto do forno durante a noite, no que ela consentiu.

⁶Mas o marido, ao chegar, ficou indignado: «Porque concedeste, disse ele à mulher, a estes libertinos hospitalidade no nosso alpendre?» ⁷Ela respondeu que se recusara a recebê-los em casa, mas que lhes permitira dormir fora, sob o alpendre, onde nada havia que pudessem roubar, a não ser lenha. ⁸Apesar do rigor do frio, o homem proibiu que lhes emprestassem mantas, porque os julgava libertinos e ladrões. ⁹Nessa noite passaram muito mal, junto do forno, não tendo para se aquecerem senão o amor de Deus e para se cobrirem senão a roupa da Dama Pobreza. De madrugada dirigiram-se à igreja mais próxima, para assistir aos ofícios.

39. ¹De manhã, a mulher foi a essa mesma igreja; vendo os irmãos piedosamente absorvidos na oração, disse para si: «Se estes homens fossem libertinos e ladrões, como pretende meu marido, não estariam assim tão devotamente mergulhados na oração». ²Entregava-se ela a estas reflexões, quando um homem, chamado Guido, começou a distribuir esmolas aos pobres presentes na igreja. ³Aproximou-se dos irmãos e quis dar a cada um, como aos outros, um pouco de dinheiro; eles agradeceram mas nada quiseram aceitar. ⁴Disse-lhes ele: «Porque é que vós, sendo pobres, não aceitais como os outros o dinheiro que vos ofereço?» ⁵O irmão Bernardo respondeu-lhe: «É verdade que somos pobres; mas para nós a pobreza não é um fardo, como para os outros, porque pela graça de Deus, cujos conselhos queremos cumprir, nos fizemos pobres voluntariamente».

⁶O homem ficou admirado com esta resposta e interrogou os irmãos para saber se alguma vez tinham possuído alguma coisa. Ficou a saber que haviam desfrutado de grandes riquezas, mas que tinham dado tudo aos pobres por amor de Deus.

⁷O que falou foi o irmão Bernardo, o primeiro discípulo do bem-aventurado Francisco que hoje temos motivo para considerar

como irmão muito santo. Foi o primeiro a seguir o homem de Deus, a partilhar a sua missão de paz e penitência. Vendera tudo o que possuía e distribuía aos pobres o produto da venda, segundo o conselho da perfeição evangélica. Perseverou até ao fim numa vida muito edificante.

⁸A mulher, ao ver os irmãos recusarem o dinheiro, aproximou-se deles e disse-lhes que teria muito gosto em recebê-los em casa, se quisessem aceitar a sua hospitalidade. ⁹Humildemente os irmãos responderam-lhe: «Que o Senhor vos recompense do vosso bom propósito».

¹⁰Mas Guido, percebendo que os irmãos não tinham conseguido encontrar alojamento, levou-os para sua casa e disse-lhes: «Aqui tendes a hospitalidade que o Senhor vos preparou; ficai o tempo que quiserdes». ¹¹Dando graças a Deus, permaneceram muitos dias em casa desse homem e edificaram-no tanto, com os seus exemplos e palavras, no temor de Deus, que ele mais tarde fez aos pobres abundantes liberalidades.

40. ¹Tratados com tanta benevolência nesta casa, noutros lados não encontraram muitas vezes senão desprezo. Muita gente, de baixa e alta condição, cumulava-os de afrontas e injúrias e, por vezes, até lhes arrancava as roupas. ²Quando os servos de Deus ficavam assim despojados, eles que, segundo o conselho do Evangelho, possuíam apenas uma túnica, não reclamavam o que lhes tinham tirado; ³mas quando, por piedade, se decidiam a restituir-lho, aceitavam de bom grado.

⁴Alguns atiravam-lhes lama; outros metiam-lhes os dados na mão e convidavam-nos a jogar; alguns, ainda, agarravam-nos por trás pelo capelo e levavam-nos assim suspensos de rastos. ⁵Faziam-nos sofrer estes vexames e outros semelhantes, porque os julgavam tão miseráveis que acreditavam poder atrevidamente atormentá-los à vontade.

⁶Suportaram assim fome, sede, frio e nudez e outros grandes sofrimentos e tribulações. ⁷Seguindo as exortações do bem-aventurado Francisco, suportavam tudo com coragem e resignação, sem se entristecerem nem perturbarem, sem maldizerem os que lhes faziam mal.

⁸Mais ainda: homens desejosos da perfeição evangélica e certos de ganhar com isso grande mérito, alegravam-se muito no Senhor, sentiam-se felizes cada vez que encontravam tais provas e tribulações e, como exorta o Evangelho, oravam pelos seus perseguidores com solicitude e fervor.

CAPÍTULO XI

Da admissão de mais quatro irmãos, da caridade ardente que os primeiros irmãos tinham uns com os outros, do seu zelo no trabalho e na oração e da sua perfeita obediência

41. ¹Vendo que os irmãos se alegravam em suas tribulações, que se consagravam com zelo e devoção à oração e às obras de piedade, que não recebiam dinheiro e nunca o traziam consigo, que reinava entre eles a mais ardente caridade que os fazia reconhecer como verdadeiros discípulos do Senhor, muitos, arrependidos, vinham pedir-lhes perdão das ofensas que lhes haviam feito. ²Os irmãos perdoavam-lhes prontamente, dizendo: «O Senhor vos perdoe»; e davam-lhes conselhos úteis à sua salvação.

³Alguns pediam aos irmãos que os admitissem na sua companhia. ⁴Como os seis companheiros tinham de Francisco a autorização de receber na Ordem, por causa do pequeno número de irmãos, acolheram alguns na sua companhia e com eles, na data fixada, voltaram a Santa Maria da Porciúncula.

⁵Quando se reviam, era tanta a alegria, que parecia não se recordarem mais do que tinham sofrido da parte dos maus.

⁶Empregavam cuidadosamente os dias na oração e no trabalho manual, para evitar a ociosidade, inimiga da alma. ⁷Tinham o santo costume de se levantarem à meia-noite para orar devotamente com muitas lágrimas e longos suspiros.

⁸Amavam-se com afeição profunda, serviam-se e alimentavam-se uns aos outros, como a mãe alimenta o seu filho único, ternamente amado. ⁹Brilhava neles tal caridade que lhes parecia fácil exporem-se à morte, não só por amor de Cristo, mas também pela salvação da alma ou do corpo de seus irmãos.

42. ¹Um dia, em que dois irmãos caminhavam juntos, encontraram um doido que se pôs a atirar-lhes pedras. ²Um deles, vendo que atingiam o seu companheiro, antepôs-se-lhe imediatamente, para receber as pedras: preferia ser ferido a ver sofrer o seu irmão, tal o amor do próximo que abrasava o seu coração. Assim estavam decididos a arriscar a sua vida um pelo outro.

³A sua humildade e a sua caridade estavam tão profundamente enraizadas, que cada um respeitava o outro como se fosse seu pai ou senhor. Aqueles, a quem cargos ou algum talento davam superioridade, buscavam fazer-se mais humildes e menores que os outros. ⁴Todos se submetiam à mais completa obediência, sempre prontos a executar a vontade do superior, sem procurar saber se as ordens dadas eram justas ou não. ⁵Como tudo o que lhes ordenavam parecia a vontade do Senhor, era-lhes fácil e agradável cumprir todas as tarefas impostas.

⁶Acautelavam-se contra os maus desejos; cada um era para si juiz severo e todos cuidavam de evitar o menor escândalo entre eles.

43. ¹Se sucedia um irmão dizer a outro qualquer palavra capaz de o magoar, os remorsos da sua consciência impediam-no de repousar antes de confessar a sua falta, prostrando-se por terra humildemente e pedindo ao irmão ofendido que lhe pusesse o pé sobre a boca. ²Quando o irmão se recusava a cumprir o pedido, o ofensor, se era seu superior, ordenava-lhe que lhe pusesse o pé sobre a boca; se não o era, pedia ao superior que lho ordenasse.

³Assim se esforçavam por afastar todo o rancor e malquerença e observar sempre entre eles a perfeita caridade. Aplicavam-se com todas as forças a opor uma virtude a cada vício, inspirados e auxiliados, neste esforço, pela graça de Nosso Senhor Jesus Cristo.

⁴Não queriam guardar nada como próprio. Livros e outros objectos eram postos em comum e serviam a todos, segundo o costume apostólico. ⁵Embora pobres como eram, mostravam-se largos e generosos com o que lhes era oferecido em nome do Senhor. Tinham prazer em dar, por amor de Deus, a quem lhes solicitava, e sobretudo aos pobres, as esmolas que eles mesmos haviam recebido.

44. ¹ Quando, pelo caminho, encontravam pobres que lhes pediam alguma coisa por amor de Deus, se nada mais tinham para dar, deixavam-lhes um pedaço do hábito, apesar de miserável. ² Às vezes davam o capelo, que separavam da túnica, ou uma manga ou ainda outro pedaço que descosiam. Queriam cumprir assim o conselho do Evangelho: «Dá a todos os que te pedem».

³ Um dia, um pobre foi à igreja de Santa Maria da Porciúncula, junto da qual os irmãos residiam, e pediu esmola. ⁴ Havia lá um manto, que fora usado por um irmão, quando era ainda secular. ⁵ O bem-aventurado Francisco pediu ao irmão que o desse ao mendigo; deu-lho ele imediatamente de boa vontade. ⁶ Depois pareceu ao homem de Deus que, em recompensa do gesto caritativo deste irmão, a esmola tinha subido ao céu; e sentiu nova alegria a derramar-se-lhe na alma.

45. ¹ Quando os ricos do mundo desciam até eles, acolhiam-nos também com solicitude e cordialidade e esforçavam-se por arrancá-los do mal e levá-los a fazer penitência.

² Solicitavam a graça de não ser enviados às suas terras de origem, para evitar a familiaridade e convivência dos seus parentes e assim realizarem a palavra do profeta: «Tornei-me estrangeiro para os meus irmãos, passando desconhecido entre os filhos de minha mãe».

³ Encontravam grande alegria na pobreza, porque longe de coibir as riquezas, desprezavam todos os bens efêmeros que podem ser apetecidos pelos amantes do mundo. ⁴ Sentiam particular repulsa pelo dinheiro: calcavam-no aos pés como pó e Francisco ensinara-os a não o estimar mais que excremento de burro.

⁵ Regozijavam-se continuamente no Senhor, não tendo em si ou entre si nenhum motivo de tristeza. ⁶ Quanto mais se separavam do mundo, mais viviam unidos ao Senhor. ⁷ Percorrendo o longo caminho da cruz e a senda da justiça, afastavam os obstáculos da via estreita da penitência e da observância evangélica, para franquear aos seus sucessores um caminho plano e seguro.

CAPÍTULO XII

Como o Bem-aventurado Francisco, com seus onze companheiros, se dirigiu à corte do Papa, para lhe apresentar o seu projecto e lhe pedir a aprovação da regra que escrevera

46. ¹S. Francisco via aumentar os seus irmãos, por graça divina, em número e em méritos. Eram agora doze, de coragem provada, sendo ele, o duodécimo, seu chefe e Pai.

Disse um dia aos seus onze companheiros: «Irmãos, vejo que o Senhor, na sua misericórdia, quer aumentar o nosso grupo. ²Vamos, portanto, ao encontro da nossa mãe, a Santa Igreja Romana; demos a conhecer ao Soberano Pontífice o que o Senhor operou, servindo-se de nós, para prosseguirmos, segundo a sua vontade e as suas ordens, a obra começada».

³A ideia do Pai agradou aos irmãos. Quando partiram com ele para Roma, disse-lhes: ⁴«Tomemos um de nós por chefe; considere-o como Vigário de Jesus Cristo; quando ele quiser andar, andamos; cada vez que queira fazer uma paragem, nós nos detemos». ⁵Escolheram o irmão Bernardo, o primeiro depois do bem-aventurado Francisco, e agiram como o Pai lhes dissera. ⁶Iam alegres, não tendo nos lábios senão as palavras do Senhor, não ousando falar além do que respeitava ao louvor e glória de Deus e ao bem da sua alma; e oravam com frequência.

⁷O Senhor proporcionou-lhes sempre hospitalidade e fez com que lhes servissem o que era necessário.

47. Chegados a Roma, encontraram lá o bispo de Assis que os recebeu com grande alegria. Tinha particular estima e afeição pelo bem-aventurado Francisco e seus irmãos. ²Mas, ignorando o motivo da sua vinda, ficou inquieto: temia que tivessem intenção de deixar a sua terra natal, onde o Senhor já se servira deles para operar maravilhas. ³Estava muito satisfeito por ter na sua diocese tais homens, cuja vida e exemplo lhe davam as maiores esperanças. ⁴Quando conheceu a razão de tal viagem e ficou ao corrente dos seus projectos, foi grande a sua alegria e prometeu aos irmãos o seu auxílio e protecção.

⁵ O Bispo era amigo do Cardeal João de S. Paulo, Bispo de Sabina, homem realmente cheio da graça divina, que amava muito os servos de Deus. ⁶ Desde que o Bispo de Assis lhe dera a conhecer a vida de Francisco e seus irmãos, desejava vivamente ver o homem de Deus e alguns dos seus companheiros. ⁷ Sabendo que estavam em Roma, mandou chamá-los e acolheu-os, cheio de benevolência e devoção.

48. ¹ Durante os dias que ficaram com ele, edificaram-no tanto com a santidade da sua conversação e o seu exemplo que, vendo brilhar realmente na sua vida o que lhe haviam contado, se recomendou às suas orações, com humildade e devoção. Pediu-lhes mesmo, como favor especial, que daí em diante fosse considerado como um dos seus irmãos. ² Por fim, interrogou o bem-aventurado Francisco sobre o motivo da sua viagem. Posto ao corrente do seu projecto e desejo, ofereceu-se para lhe servir de procurador na Corte Pontificia.

³ O Cardeal dirigiu-se à residência papal e disse ao senhor Papa Inocêncio III: «Encontrei um homem de grande virtude que quer viver segundo o ideal do santo Evangelho e observar em todas as coisas a perfeição evangélica. Creio que o Senhor quer servir-se dele para reavivar no mundo a fé da Santa Igreja». ⁴ Estas palavras surpreenderam o Papa, que ordenou ao Cardeal que lhe levasse o bem-aventurado Francisco.

49. ¹ No dia seguinte, o homem de Deus foi apresentado pelo Cardeal ao Soberano Pontífice, a quem revelou os seus projectos. ² O Papa, homem de grande prudência, achou bem os desejos do santo, fazendo-lhe, a ele e aos seus irmãos, muitas recomendações; deu-lhes a bênção e acrescentou: «Irmãos, que o Senhor vos acompanhe e, conforme a inspiração com que se dignar favorecer-vos, pregai a penitência a toda a gente. ³ Quando o Deus todo-poderoso vos tiver multiplicado, em número e em graça, voltai a informar-nos; então vos concederemos largamente tudo o que pedirdes e vos confiaremos, com mais segurança, coisas mais importantes».

⁴ O Senhor Papa queria que os privilégios que lhe concedera e viria a conceder fossem conforme a vontade de Deus. No momento

em que o bem-aventurado Francisco ia a retirar-se com os seus companheiros, disse-lhes: ⁵ «Caros filhos, o vosso modo de vida parece-nos muito duro e difícil. O vosso fervor, estou certo, é tão grande que de vós não é possível duvidar. Mas devemos pensar nos que virão depois de vós e tomar cuidado, para que o vosso caminho não lhes pareça austero demais». ⁶ Vendo, porém, a sua fê, firmeza e esperança, tão solidamente fundadas em Cristo, que nada queriam abandonar da sua fervorosa regra, disse ao bem-aventurado Francisco: ⁷ «Vai, filho, e pede a Deus que te revele se o vosso pedido procede da sua vontade. Isso nos permitirá, quando conhecermos a vontade do Senhor, aceder aos teus desejos».

50. ¹ Pouco depois, orava o homem de Deus, seguindo o conselho do Senhor Papa, quando Deus lhe falou interiormente sob a forma de parábola: «Havia num deserto uma mulher muito pobre e bela. Enamorado dos seus encantos, um grande rei quis desposá-la, esperando que lhe desse belos filhos. Realizou-se a união e dela nasceram numerosos filhos. Quando cresceram, a sua mãe falou-lhes assim: ² «Meus filhos, não vos envergonheis da vossa condição, porque sois filhos do rei. ³ Ide, portanto, à sua corte e ele vos concederá tudo o que vos for necessário». ⁴ Tendo chegado à corte, o rei admirou-se da sua beleza; e, descobrindo-lhes no rosto os seus próprios traços, perguntou-lhes: «De quem sois filhos?» ⁵ Eles responderam que eram filhos duma pobre mulher que vivia no deserto. O rei, cheio de alegria, abraçou-os e disse: «Não temais, sois meus filhos. ⁶ Se alimento à minha mesa estranhos, com maior razão cuidarei de vós, que sois meus próprios filhos». ⁷ O rei ordenou então à mulher que mandasse para a corte, para ali serem educados, todos os filhos que dele tivera».

⁸ O bem-aventurado Francisco reflectiu sobre esta visão que contemplara durante a oração e compreendeu que era ele a mulher pobre.

51. ¹ Terminada a oração, foi de novo apresentar-se ao Soberano Pontífice e contou-lhe detalhadamente a visão simbólica com que o Senhor o honrara: ² «Santíssimo Padre, disse, eu sou a mulher pobre, que o Senhor, por seu amor e misericórdia, fez bela e de quem quis ter muitos filhos. ³ O Rei dos reis prometeu-me ali-

mentar todos os filhos que lhe der; porque, se trata bem os estranhos, melhor cuidará dos seus próprios filhos. ⁴ Se Deus dá os bens temporais aos pecadores, porque ama e quer alimentar todos os seus filhos, com maior razão os concederá aos homens evangélicos, que disso são verdadeiramente dignos».

⁵ A estas palavras, o Senhor Papa ficou muito admirado, tanto mais que, antes da chegada de S. Francisco, vira, em sonhos, a igreja de São João de Latrão ameaçar ruína e um religioso, débil e sem aparência, sustentá-la com os seus ombros. ⁶ Ao acordar, cheio de espanto e assombro, usara toda a sua sabedoria e perspicácia para descobrir o que significava esta visão.

⁷ E eis que, pouco depois, o bem-aventurado Francisco vinha ter com ele, apresentava-lhe o seu projecto e lhe pedia que confirmasse a regra que escrevera em termos tão simples, servindo-se das mesmas palavras do Evangelho, cuja observância perfeita era toda a aspiração da sua alma.

⁸ O Senhor Papa, vendo o seu fervor no serviço de Deus e comparando o seu sonho com a visão simbólica contada pelo bem-aventurado, disse para si: «Em verdade, é este o homem piedoso e santo que erguerá e sustentará a Igreja de Deus».

⁹ Abraçou-o, aprovou a regra escrita pelo homem de Deus e concedeu-lhe autorização de pregar, por toda a parte, a penitência; depois deu-a também aos irmãos, com uma condição: necessitavam, para irem pregar, da permissão do bem-aventurado Francisco.

¹⁰ Todos estes privilégios foram em seguida confirmados em consistório.

52. ¹ Obtida a concessão do Papa, S. Francisco deu graças a Deus. Em seguida, de joelhos, prometeu ao Senhor Papa obediência e reverência, com humildade e devoção. ² Os outros irmãos, em conformidade com a ordem do Senhor Papa, prometeram também obediência e reverência ao bem-aventurado Francisco.

³ Recebida a bênção do Soberano Pontífice, visitaram os túmulos dos Apóstolos. Depois o Cardeal mandou dar a tonsura a S. Francisco e aos outros irmãos, pois assim tinha providenciado, querendo que os doze fossem clérigos.

53. ¹Depois o homem de Deus deixou Roma, com os seus irmãos, e foi pelo mundo além. Andava entusiasmado por o seu desejo se ter tão facilmente realizado e sentia crescer cada dia a sua esperança e confiança no Salvador que, por santas revelações, lhe anunciara anteriormente o que acabava de acontecer.

²Com efeito, antes de obter do Papa os privilégios enumerados atrás, uma noite, durante o sono, parecera-lhe andar por um caminho junto do qual se elevava uma árvore de grande porte, bela, robusta e vigorosa. ³Aproximou-se e de pé, junto da árvore, admirava a sua altura e beleza. De repente sentiu-se crescer a ponto de tocar no cimo da árvore e a dobrar até ao chão com a maior facilidade.

⁴Foi de facto o que se passou quando o Senhor Papa Inocêncio, a mais alta, mais bela e maior árvore que existia no mundo, se inclinou de modo tão benevolente ao pedido e ao desejo do bem-aventurado Francisco.

CAPÍTULO XIII

Da eficácia da sua pregação, da sua primeira residência, como ali vivia com os seus irmãos e como a deixaram

54. ¹Depois dessa data, o bem-aventurado Francisco, percorrendo cidades e aldeias, lançou-se a pregar por toda a parte «não com palavras persuasivas de sabedoria humana», mas segundo a doutrina e a virtude do Espírito Santo, anunciando com confiança o reino de Deus.

²Era verdadeiro pregador do Evangelho, fortalecido pela autoridade apostólica; não usava lisonjas e desprezava o encanto dos artificios oratórios, pois antes de tentar convencer os outros com o seu discurso, procurara persuadir-se a si mesmo, praticando, para poder anunciar a verdade divina com a maior fidelidade. ³A força e a verdade das suas palavras, que não devia a nenhum mestre humano, causavam admiração a todos, mesmo aos letrados e sábios. Muitos apressavam-se para o ver e ouvir, como se fosse homem de outro século.

⁴Viram-se nobres e camponeses, clérigos e leigos, decidirem-se, por inspiração divina, a seguir os passos de S. Francisco e a

rejeitar as preocupações e vaidades do mundo para viverem a sua regra.

55. ¹Vivia então o ditoso Pai, com outros irmãos, num local vizinho de Assis, chamado Rivotorto, onde havia uma cabana de todos abandonada. ²Era tão apertada, que os irmãos mal podiam sentar-se ou estender-se. ³Muitas vezes faltava-lhes o pão e tinham como único alimento os rábanos que, na sua pobreza, mendigavam pelos campos.

⁴O homem de Deus escreveu o nome dos irmãos nas traves da cabana, para que os que queriam dormir ou rezar, pudessem conhecer facilmente o seu lugar, e assim, naquele reduto estreito e exíguo, não provocassem ruído e perturbassem o silêncio.

⁵Um dia, em que os irmãos ali se encontravam, apareceu um aldeão com o seu burro, com intenção de ali se instalar. Temendo ser repellido pelos irmãos, à entrada disse ao asno: «Entra, vamos, entra; será uma sorte para a cabana».

⁶O bem-aventurado Pai ouviu as palavras do aldeão e adivinhou o seu pensamento. Ficou triste, sobretudo porque o homem fizera muito ruído com o burro e perturbara os irmãos que, nesse momento, estavam recolhidos em oração.

⁷O homem de Deus disse aos seus companheiros: «Irmãos, eu sei, Deus não nos escolheu para darmos abrigo a um asno, nem para ficarmos a receber visitas, mas para irmos de quando em quando pregar o caminho da salvação, dar às almas conselhos salutareis e sobretudo para nos entregarmos à oração e à acção de graças». ⁸Deixaram então a cabana, para que pudesse servir aos pobres leprosos e dali passaram-se para Santa Maria da Porciúncula, junto da qual já haviam habitado numa casa pobre, antes de conseguirem a própria igreja.

56. ¹Depois, o bem-aventurado Francisco, guiado pela vontade e inspiração divinas, enviou humilde petição ao Abade de S. Bento do Monte Subásio, próximo de Assis, a cuja abadia pertencia a igreja, que lhe foi concedida. ²Ele recomendou-a especial e cordialmente ao Ministro Geral e a todos os irmãos, como uma igreja amada, entre todas as igrejas do mundo, pela gloriosa Virgem Maria.

³O que muito contribuiu para recomendar este lugar e fazê-lo estimar, foi a visão que teve um irmão, quando ainda estava no mundo. O bem-aventurado Francisco amava este irmão com afeição especial e, logo que ele veio para junto de si, começou a dar-lhe provas da maior amizade.

⁴Este homem tinha já intenção de se consagrar ao serviço de Deus quando teve uma visão. Parecia-lhe que todos os homens do mundo se haviam tornado cegos; via-os no recinto de Santa Maria dos Anjos, de joelhos, as mãos juntas, o olhar levantado para o céu; em voz alta e chorando, suplicavam ao Senhor que se dignasse, na sua misericórdia, restituir a todos a luz. ⁵Ora, enquanto assim oravam, pareceu-lhe ver sair do céu um grande clarão, que desceu sobre eles e os iluminou com a sua claridade salutar.

⁶Acordando, tomou a resolução definitiva de se dar a Deus; e, pouco depois, deixando para sempre o mundo, perverso e frívolo, entrou na religião e serviu ao Senhor, durante toda a vida, com humildade e devoção.

CAPÍTULO XIV

Do Capítulo que se realizava, duas vezes por ano, em Santa Maria da Porciúncula

57. ¹Depois de obter do Abade do Monte Subásio a igreja de Santa Maria, o bem-aventurado Francisco decidiu que ali se realizasse o Capítulo, duas vezes por ano, no Pentecostes e na festa de S. Miguel.

²No Pentecostes, todos os irmãos se agrupavam em Santa Maria; estudavam o melhor meio de observar a Regra e designavam os irmãos que deviam ir às diversas províncias, pregar ao povo e distribuir os outros irmãos nas suas províncias.

³S. Francisco dirigia-lhes advertências, admoestações e as ordens que lhe pareciam conformes à vontade de Deus. ⁴Mas tudo o que lhes recomendava nas suas exortações, ele procurava, com todo o coração e solicitude, que o vissem realizar na sua própria vida.

⁵Venerava os prelados e os sacerdotes da Santa Igreja; reverenciava os velhos, os nobres e os ricos, mas tinha sobretudo amor

profundo aos pobres, compartilhava das suas penas com toda a ternura das suas entranhas e mostrava-se o servo de todos.

⁶Ainda que estivesse acima de todos os irmãos, indicava um dos que conviviam com ele como seu guardião e senhor e, para afastar qualquer tentação de orgulho, obedecia-lhe com simplicidade e respeito. ⁷Humilhava-se e inclinava-se até ao chão diante de todos os homens, para merecer ser, um dia, exaltado na presença de Deus, entre os santos e eleitos.

⁸Instava afectuosamente com os irmãos a que observassem com fidelidade o santo Evangelho e a regra que haviam prometido seguir, e sobretudo que demonstrassem respeito e devoção para com o ofício divino e as prescrições da Igreja; que assistissem piedosamente à Missa e adorassem de coração fervoroso o Corpo do Senhor.

⁹E porque os padres administravam Sacramentos tão grandes e veneráveis, ordenava aos irmãos que os envolvessem com particulares provas de reverência: quando os encontrassem, deviam sempre inclinar a cabeça diante deles e beijar-lhes a mão; ⁹e se eles fossem a cavalo queria que lhes beijassem não só a mão a eles, mas até as patas dos cavalos em que montavam; isto por reverência pelo poder divino do sacerdote.

58. ¹Recomendava aos irmãos que não julgassem ninguém e não desprezassem os que viviam delicadamente e usavam vestes rebuscadas e faustosas. «Deus – dizia – é o seu Senhor, como é o nosso; também a eles pode dirigir o seu apelo e fazer deles santos». ²Prescrevia aos seus discípulos que os respeitassem simultaneamente como irmãos e senhores: «São nossos irmãos, porque todos somos filhos do mesmo Criador; podemos chamá-los senhores, pois eles ajudam os justos a fazer penitência, provendo às necessidades da sua vida corporal».

³Tais eram os seus conselhos. E acrescentava: «Os irmãos devem viver no meio do povo de tal modo que, ao ouvi-los ou vê-los, seja levado a glorificar o Pai dos céus e a louvá-lo devotamente».

⁴Era este, com efeito, o seu ardente desejo: que ele e seus irmãos abundassem em boas obras que louvassem o Senhor.

⁵Dizia-lhes ainda: «A paz, que vossa boca anuncia, deve estar antes de mais nos vossos corações. Não seiais para ninguém oca-

sião de cólera ou de escândalo; que a vossa doçura atraia todos os homens à paz, à bondade e à concórdia. ⁶ É nossa vocação curar os feridos, unir os divididos, reconduzir ao redil as ovelhas perdidas. ⁷ Muitos, que nos parecem ser sequazes do demónio, podem tornar-se um dia discípulos de Cristo».

59. ¹ O bom Pai dirigia censuras aos irmãos que eram muito austeros para si mesmos e que se esgotavam à força de vigílias, jejuns e mortificações corporais. ² Alguns, efectivamente, sob pretexto de enfraquecer os ardores dos sentidos, torturavam-se tão cruelmente que pareciam ter para si mesmos ódio verdadeiro. ³ O homem de Deus refreava-os com admoestações afectuosas, morigerava-os docemente em nome da razão e, se se pode dizer, ligava as suas feridas com preceitos salutareis.

⁴ Quando os irmãos vinham ao Capítulo, nenhum ousava falar dos negócios do mundo; as suas conversas tinham como assunto as vidas dos santos padres e os meios mais perfeitos e mais eficazes de alcançar a graça do Senhor Jesus Cristo. ⁵ Se algum deles sofria alguma tentação ou prova, ao escutar o bem-aventurado Francisco falar com tanta doçura e piedade e ao ver as suas mortificações, sentia-se liberto, como por milagre, das suas tentações e aliviado da sua prova.

⁶ A sua bondade misericordiosa não o fazia falar como juiz, mas antes como o pai compassivo fala a seus filhos ou o bom médico a seus doentes, sabendo sofrer com os enfermos e afligir-se com as almas atribuladas. ⁷ Reprendia, todavia, quando era preciso, os que cometiam alguma falta e infligia aos rebeldes e endurcidos castigos que mereciam.

⁸ Acabado o Capítulo, abençoava todos os irmãos e enviava cada um para a sua província. ⁹ A todos os que estavam animados do Espírito de Deus e possuíam bastante eloquência para pregar, clérigos ou leigos, dava-lhes autorização de difundir a palavra divina.

¹⁰ Depois de receberem a sua bênção, com a alma cheia de alegria, iam pelo mundo, como peregrinos e mensageiros ignorados, não levando consigo na viagem senão o Livro das Horas, para recitar o ofício divino.

¹¹ Sempre que encontravam um sacerdote, rico ou pobre, bom ou mau, saudavam-no, inclinando-se humildemente diante dele por

respeito. E, chegada a hora de procurar hospitalidade, preferiam antes recorrer aos padres que aos leigos.

60. ¹Quando, porém, não podiam ser recebidos pelos padres, iam de preferência bater à porta dos homens piedosos e tementes a Deus, porque julgavam mais conveniente dirigir-se a eles para o alojamento. Foi assim até ao momento em que o Senhor inspirou a alguns homens piedosos a ideia de preparar para os irmãos hospedagem, em cada vila ou aldeia que os irmãos costumavam visitar. Mais tarde erigiram-se residências próprias para eles.

²O Senhor concedia-lhes as palavras e a inspiração correspondente às necessidades do momento; e os seus discursos persuasivos, chegando ao fundo dos corações, atingiam jovens e velhos, que abandonavam pai e mãe e tudo o que possuíam, para seguir os irmãos e tomar o hábito da Ordem. ³Foi então, na verdade, que a espada da separação foi enviada à terra, pois que os jovens entravam na religião, deixando os seus pais na vida de pecado. ⁴Os que eram recebidos na Ordem, eram conduzidos ao bem-aventurado Francisco, de cujas mãos deviam receber o hábito religioso com humildade e devoção.

⁵Mas não eram só os homens a tomar a decisão de se consagrar a Deus. Também as mulheres – virgens ou viúvas – tocadas pela pregação dos irmãos, fundavam, com os seus conselhos, mosteiros nas cidades e aldeias, e aí se encerravam para fazer penitência. ⁶Escolheu-se depois um irmão para Visitador e Director destes mosteiros¹⁶.

⁷Do mesmo modo, maridos e esposas, não podendo romper os laços do matrimónio, entregavam-se, em suas próprias casas, sob o piedoso conselho dos irmãos, à prática da mais estreita penitência¹⁷.

⁸Assim, graças ao bem-aventurado Francisco, perfeito devoto da Santíssima Trindade, a Igreja de Deus recobrou novo vigor com estas três Ordens, que simbolizavam as três igrejas por ele restau-

¹⁶ Trata-se da *Ordem das Senhoras Pobres*, mais tarde conhecidas por irmãs *Clarissas*.

¹⁷ Trata-se da *Ordem Franciscana Secular (Ordem Terceira)*.

radas. Cada uma destas Ordens foi, a seu tempo, aprovada pelo Soberano Pontífice¹⁸.

CAPÍTULO XV

Da morte do Senhor Cardeal João, primeiro protector dos irmãos, e da escolha do Senhor Cardeal Hugolino, Bispo de Óstia, como pai e protector da Ordem

61. ¹O venerável Padre, Senhor Cardeal João de São Paulo, que honrava o bem-aventurado Francisco com os seus conselhos e a sua protecção, comprazia-se em louvar a vida do santo e seus irmãos diante dos outros Cardeais. ²Tocados por seus elogios, foram impelidos a amar tanto o homem de Deus e seus companheiros, que cada um queria ter alguns irmãos em sua casa, não pelos serviços que eles podiam prestar, mas por causa da sua santidade e da piedade que inflamava os corações ao seu contacto.

³Depois da morte do Cardeal João de São Paulo, o Senhor inspirou a um dos Cardeais, chamado Hugolino, então Bispo de Óstia, a ideia de oferecer a S. Francisco e a seus irmãos a sua afeição, apoio e protecção. ⁴De facto, nas suas relações com eles, ele mostrou a mais ardente caridade, como se fosse pai de todos. ⁵E mesmo o amor do pai pelos seus filhos carnis não é tão grande como a afeição, inteiramente espiritual, que mostrava o Cardeal, amando ternamente no Senhor o homem de Deus e seus irmãos e decidindo tomá-los sob a sua protecção.

⁶O homem de Deus, conhecendo a fama admirável deste Cardeal, célebre entre todos, apresentou-se a ele com os seus irmãos. Hugolino recebeu-os com alegria e disse-lhes: ⁷«Estou à vossa disposição; auxílio, conselho, protecção, estou pronto a conceder-vos tudo, segundo os vossos desejos; mas quero, em compensação, que me recomendeis a Deus nas vossas orações».

¹⁸ Atrás os *Três Companheiros* não falaram senão da restauração de S. Damão. Aqui há uma alusão implícita a outras duas igrejas restauradas por S. Francisco: S. Pedro e Porciúncula.

⁸ O bem-aventurado Francisco, dando graças a Deus, respondeu ao Cardeal: «Senhor, seremos muito felizes por vos ter daqui em diante por pai e protector da nossa Ordem e quero que todos os irmãos vos recomendem sempre a Deus nas suas orações».

⁹ Depois pediu-lhe que se dignasse assistir ao Capítulo a realizar no Pentecostes. ¹⁰ Hugolino acedeu amavelmente e, desde então, todos os anos assistia ao Capítulo. ¹¹ À sua chegada, todos os irmãos reunidos para o Capítulo iam esperá-lo em procissão. ¹² Quando deles se abeirava, descia do cavalo e acompanhava-os a pé até à igreja de Santa Maria dos Anjos. ¹³ Dirigia-lhes uma alocução e depois celebrava a Missa, em que Francisco, o homem de Deus, cantava o Evangelho.

CAPÍTULO XVI

Da eleição dos primeiros ministros e como foram enviados pelo mundo

62. ¹ Onze anos depois do nascimento da Ordem, tendo os irmãos crescido em número e em méritos, elegeram-se ministros que foram enviados, com alguns irmãos, a quase todos os países do mundo, em que era venerada e observada a fé católica.

² Algumas províncias acolheram-nos, mas sem lhes permitir construir habitações; outras expulsaram-nos, por temerem que fossem hereges. Embora o senhor Papa Inocêncio III tivesse aprovado a Ordem e a sua regra, não a confirmara por carta. Por isso os irmãos sofriam, de clérigos e leigos, vexames sem conta. Assim foram obrigados a abandonar essas províncias. ³ Molestados, atormentados, algumas vezes até despojados pelos salteadores e espancados, regressaram para junto de S. Francisco, com a alma angustiada. Sofreram assim em quase todos os países ultramontanos, como na Alemanha, na Hungria e outros.

⁴ Avisado o Cardeal Hugolino, chamou o bem-aventurado Francisco e levou-o ao senhor Papa Honório, pois morrera o senhor Papa Inocêncio III. ⁵ Fez aprovar por bula solene do Papa outra regra que S. Francisco escreveu segundo a inspiração de

Cristo¹⁹. ⁶ Esta regra espaçava as reuniões do Capítulo, para evitar a fadiga aos irmãos que viviam em países longínquos.

63. ¹ O bem-aventurado Francisco pediu ao senhor Papa Honório que se dignasse dar-lhe um Cardeal da Santa Igreja Romana como que para Papa²⁰ da sua Ordem, na pessoa do senhor Bispo de Óstia, ao qual os irmãos poderiam recorrer nas suas dificuldades.

² Foi talvez uma visão que o decidiu a pedir o Cardeal e a solicitar para a sua Ordem a protecção da Igreja Romana. ³ Vira com efeito uma pequena galinha, preta, com as asas cobertas de penas e com patas de pomba. Tinha tantos pintos, que não conseguia reuni-los todos debaixo das asas: ficavam de fora, andando a seu lado.

⁴ Acordado, pôs-se a reflectir sobre esta visão. Imediatamente o Espírito Santo lhe fez compreender o seu significado: ⁵ «Esta galinha sou eu, com a minha pequena estatura e a minha tez escura. Devo ter a simplicidade da pomba e as minhas aspirações devem levantar voo para o céu como nas asas das virtudes. ⁶ Mas o Senhor, na sua misericórdia, deu-me e me dará muitos filhos, que só com as minhas forças não poderei proteger. ⁷ É preciso por isso que os confie à Santa Igreja, para que ela os guarde à sombra das suas asas, os proteja e os governe».

64. ¹ Tinham decorrido poucos anos depois desta visão, quando ele se dirigiu a Roma, visitar o senhor Bispo de Óstia. O Cardeal forçou o Santo a acompanhá-lo na manhã seguinte à Corte Pontifícia. Queria que ele pregasse na presença do senhor Papa e dos Cardeais, recomendando ele mesmo a sua Ordem, com toda a sua piedade e todo o seu coração. ² Em vão o Bem-aventurado se escusava e protestava que era apenas um pobre homem sem instrução; teve que acompanhar o Cardeal à Corte Pontifícia.

³ Quando se apresentou diante do senhor Papa e dos Cardeais, ficaram cheios de alegria. Depois dirigiu-lhes a palavra, sem outra preparação que a assistência do Espírito Santo. ⁴ Terminada a alo-

¹⁹ Deve tratar-se da bula «Quum dilecti», de 11-6-1219, dirigida aos bispos do mundo inteiro.

²⁰ «Papa» é a palavra que o original traz. Traduz a simplicidade e realismo de Francisco. O Cardeal protector seria a presença do próprio Papa para a Ordem.

cução, recomendou a sua Ordem ao senhor Papa e a todos os Cardeais. ⁵Todos ficaram muito edificadas com as suas palavras; os seus corações foram tocados e sentiram crescer a sua simpatia pela nossa Ordem.

65. ¹Depois disse o bem-aventurado Francisco ao Soberano Pontífice: «Senhor, sinto-me cheio de compaixão ao pensar nos cuidados e fadigas que tendes continuamente de suportar para cuidar da Igreja de Deus; mas o que me enche de confusão, é que tendes para nós, pobres irmãos menores, tanto cuidado e solicitude. ²Enquanto que gente de alta linhagem, ricos e muitos religiosos, não têm acesso à vossa presença, nós deveríamos sentir grande temor e perturbação, nós, os mais pobres e mais desprezíveis dos religiosos, já não digo em chegar aonde vós, mas mesmo em vir até à entrada do vosso palácio e ousar bater à porta do tabernáculo que guarda a autoridade dos cristãos. ³É com humildade e reverência que suplico a Vossa Santidade que se digne dar-nos por papa o senhor Bispo de Óstia, aqui presente, para que, nas horas difíceis, os irmãos possam recorrer a ele, salvaguardando sempre os direitos da vossa autoridade suprema».

⁴O pedido do bem-aventurado Francisco foi deferido pelo senhor Papa, que estabeleceu o senhor Bispo de Óstia como protector da Ordem.

66. ¹Fiel ao mandato recebido do senhor Papa, o Cardeal mostrou-se protector zeloso e cuidou da defesa dos irmãos. Escreveu a muitos prelados, que os tinham perseguido, para não lhes fazerem mais oposição, mas antes lhes darem ajuda e apoio para pregarem e se estabelecerem nas suas dioceses. ²«Porque – dizia ele – são bons e santos religiosos, aprovados pela autoridade da Sé Apostólica». ³Vários Cardeais o imitaram, escrevendo no mesmo sentido.

⁴No Capítulo que se seguiu a esta viagem a Roma, o bem-aventurado Francisco autorizou os Ministros a receberem novos irmãos na Ordem, e enviou-os às suas províncias, levando consigo as cartas dos Cardeais e a Regra aprovada pela Bula Apostólica. ⁵E assim os prelados, tomando conhecimento dos testemunhos que os irmãos lhes apresentavam, concederam-lhes sem dificuldade permissão de construir, residir e pregar nas suas dioceses.

⁶Os irmãos puseram-se imediatamente à obra. Depois de observar a humildade e santidade de suas vidas e de ouvir as suaves palavras que tocavam os corações e os abrasavam no amor de Deus e no desejo de fazer penitência, muitos vinham ter com eles e pediam, com fervor e humildade, o santo hábito da Ordem.

67. ¹O bem-aventurado Francisco, admirando a fidelidade e a dedicação do senhor Bispo de Óstia para com os irmãos, tinha por ele a mais profunda e terna afeição. ²Como sabia, por revelação de Deus, que este Cardeal seria Papa, anunciava-lho em todas as cartas que lhe escrevia, chamando-o Pai de todo o universo. ³Iniciava-as nestes termos: «Ao venerável em Cristo, Pai do mundo inteiro». ⁵De facto, poucos anos depois, morreu o senhor Papa Honório III e foi o senhor Bispo de Óstia que foi eleito Soberano Pontífice, adoptando o nome de Gregório IX. Mostrou-se, até ao fim da vida, grande benfeitor e defensor dos irmãos, assim como de todos os religiosos e especialmente dos pobres de Jesus Cristo. Assim temos razões para crer que faz parte da assembleia dos santos.

CAPÍTULO XVII

Da santa morte do Bem-aventurado Francisco e como, dois anos antes, recebeu os estigmas do Senhor Jesus

68. ¹Vinte²¹ anos haviam passado desde o dia em que Francisco, homem apostólico, se uniu tão estreitamente a Cristo Jesus. Depois de ter imitado a vida dos Apóstolos e seguido os seus passos, teve a alegria de ir ao encontro do Senhor no ano de 1226, no domingo, dia 4 de Outubro. Obtinha enfim, após todos os seus trabalhos, o repouso eterno, e merecia gozar da vista de Deus. ²Um de seus discípulos, afamado por sua santidade, viu a alma de Francisco, sob a forma duma estrela, grande como a lua e luminosa

²¹ Os acontecimentos evocados no capítulo precedente datam de 1221. Dali a *Legenda* salta directamente para a morte de S. Francisco em 1226, com uma breve referência aos Estigmas. Este silêncio sobre os acontecimentos que se deram entre 1221 e 1226 constitui um problema que está ainda por resolver.

como o sol, levada por uma pequena nuvem branca sobre a imensidade das águas, a subir em linha recta para os céus.

³Trabalhara muito na vinha do Senhor. O seu zelo e fervor manifestaram-se nas suas orações, jejuns e vigílias, em suas pregações e viagens apostólicas, na sua solicitude e compaixão pelo próximo, no desprezo de si mesmo; e isto desde a sua conversão até ao seu encontro definitivo com Cristo.

⁴Amara a Jesus de todo o seu coração e, com a alma sempre ocupada em recordá-lo, tinha-o louvado com todas as suas palavras e glorificado pela fecundidade das suas obras. ⁵O seu amor a Deus era tão profundo e tão ardente que, quando ouvia pronunciar o seu nome, sentia o coração a derreter-se no peito. «O céu e a terra – dizia – deviam inclinar-se ao nome do Senhor».

69. ¹O fervor deste amor e a fidelidade do seu coração em guardar a memória da Paixão de Cristo, quis o Senhor revelá-los ao universo. Por privilégio singular, por graça excepcional, fez um milagre para honrar o seu servo na carne durante a sua vida. ²Um dia, o ardor das suas aspirações seráficas arrebatava-o tanto para Deus, e para Aquele que se deixou crucificar por excesso de amor, que ele apareceu como que transformado por doce compaixão. ³Foi pouco mais de dois anos antes da sua morte, pela festa da Exaltação da Santa Cruz, numa manhã em que ele orava na encosta do Monte Alverne. ⁴De repente apareceu-lhe um Serafim; tinha seis asas, e entre elas trazia a imagem dum homem crucificado, extremamente belo, que tinha as mãos e os pés estendidos em cruz, e cujos traços lembravam à evidência os do Senhor Jesus. Duas asas cobriam-lhe a cabeça; outras duas velavam o resto do corpo, descendo até aos pés; as outras duas estendiam-se para voar.

⁵Desaparecida a visão, ficou na sua alma um admirável fervor; mas, o que é ainda mais admirável, via-se aparecer na sua carne a impressão dos estigmas do Senhor Jesus. O homem de Deus escondeu quanto pôde estas chagas até à sua morte, não querendo revelar o «segredo do Senhor», mas não conseguiu dissimulá-las completamente aos seus companheiros, pelo menos aos que conviviavam intimamente com ele.

70. ¹Após o seu feliz trespasse, todos os irmãos presentes e grande número de leigos puderam verificar no corpo de Francisco os sinais gloriosos dos estigmas de Cristo. ²Perceberam em suas mãos e pés, não a marca dos cravos, mas os próprios cravos, formados de carne e nascidos na sua carne, tendo a cor escura do ferro. ³O seu lado direito, que parecia trespassado por uma lança, estava rasgado pela cicatriz vermelha duma ferida verdadeira e bem visível, donde se escapava muitas vezes, durante a sua vida, sangue sagrado.

⁴A verdade inegável destes estigmas foi demonstrada não só pelos que os viram e tocaram durante a vida do santo e à sua morte, mas o Senhor os manifestou ainda mais claramente, depois da morte do bem-aventurado Francisco, por numerosos milagres verificados em diversos países do mundo.

⁵Estes milagres transformaram o coração de muita gente, que antes não compreendera bem o homem de Deus e pusera em dúvida a realidade dos seus estigmas. ⁶Foram mudados para tal certeza que os detractores de outrora, graças à bondade divina e constrangidos pela verdade, se tornaram os seus mais fiéis admiradores e os melhores apóstolos da sua glória.

CAPÍTULO XVIII

Da canonização de São Francisco

71. ¹Em diversos países do mundo, os milagres aureolavam já a fronte de S. Francisco de nova luz e, ao seu túmulo, acorriam de toda a parte os que haviam recebido, por sua intercessão, grandes e particulares favores de Deus. Por isso, o Papa Gregório IX, depois de consultar os Cardeais e numerosos prelados, estudados e reconhecidos os milagres que o Senhor operara por intercessão do bem-aventurado Francisco, inscreveu-o no catálogo dos santos e ordenou que se celebrasse solenemente a sua festa no aniversário da sua morte. ²Isto passou-se em Assis, na presença de grande número de prelados e duma multidão enorme de príncipes, barões e fiéis, vindos de todos os cantos do mundo, convocados pelo Papa para este dia solene, em 1228, segundo ano do seu pontificado.

72. ¹ O Soberano Pontífice, que muito amara o Santo em vida, não se limitou a conceder-lhe o triunfo glorioso da canonização; mas, quando foi resolvido edificar uma igreja em honra de S. Francisco, quis colocar ele mesmo a primeira pedra e depois enriqueceu esse santuário de privilégios sagrados e dádivas de grande valor. ² Dois anos depois da canonização do Santo, o seu corpo venerando, deixando a primeira sepultura, foi solenemente trasladado para a nova igreja. ³ O Papa enviou uma cruz de ouro, com pedras preciosas, contendo uma relíquia do Santo Lenho, e ainda vasos sagrados e outros objectos para serviço do altar, além de muitos paramentos preciosos e de grande solenidade. ⁴ Isentou esta igreja da jurisdição inferior e decretou, em virtude da sua autoridade apostólica, que seria a igreja principal e mãe de toda a Ordem dos Frades Menores, como consta do privilégio oficial, promulgado por uma bula, assinada por todos os Cardeais.

73. ¹ Mas seria bem pouca coisa conceder ao homem de Deus só honras puramente materiais, se o Senhor não se dignasse, morto o seu corpo e exaltada a sua alma na glória, operar por meio dele numerosas conversões e curas. De facto, muitos homens e mulheres voltaram para o Senhor, depois da sua morte e por sua intercessão. Grandes e nobres vieram em grande número, com os seus filhos, tomar o hábito da Ordem, enquanto que suas esposas e filhas se encerravam nos mosteiros das Senhoras Pobres.

² Do mesmo modo, muitos sábios e letrados, leigos ou clérigos prebendados, desprezavam os deleites do mundo, renunciavam para sempre à vaidade e à avidez terrestre para entrar na Ordem dos Irmãos Menores. Cada um, segundo a medida da graça concedida pelo Senhor, queria pautar a sua vida pela pobreza e os exemplos de Cristo e do seu servo, o bem-aventurado Francisco, para chegar à glória do céu.

³ Por isso, com razão se pode dele dizer o que foi dito de São, que «muitos mais matou ao morrer do que durante toda a sua vida», pois vive para sempre na glória. Pelos méritos de Nosso Pai S. Francisco, a essa glória nos conduza Aquele que vive e reina pelos séculos dos séculos. Ámen.